

Jéssica Carneiro Benetti
Catia Silvana da Costa

CONSTRUINDO A CULTURA DE PAZ NO ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA:

PISTAS PEDAGÓGICAS PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA



Benetti, Jéssica Carneiro

B465c Construindo a Cultura de Paz no Ensino do Esporte na
Escola: Pistas Pedagógicas para Professores de Educação
Física / Jéssica Carneiro Benetti. -- Bauru, 2026
115 p. il., tabs.

Produto educacional elaborado como parte das exigências
do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede
Nacional — ProEF da Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru.
Orientadora: Catia Silvana da Costa.

1. Educação Física Escolar. 2. Cultura de Paz. 3. Educação
para a Paz. 4. Conflitos. 5. Emancipação. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP/BAURU

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL
EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL – PROEF



CONSTRUINDO A CULTURA DE PAZ NO ENSINO DO ESPORTE NA ESCOLA:

PISTAS PEDAGÓGICAS PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Autora

Jéssica Carneiro Benetti

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Catia Silvana da Costa

Título da Dissertação

Construindo a Cultura de Paz no Ensino do Esporte na escola: um estudo colaborativo com estudantes na Educação Física

Recurso Educacional apresentado à Banca Examinadora referente ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), da Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, para exame de Defesa, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Catia Silvana da Costa.

SOBRE A AUTORA

JÉSSICA CARNEIRO BENETTI



É professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Itararé-SP desde 2013. Licenciada em Educação Física (2011) e Bacharel em Educação Física (2016) pelas Faculdades Integradas de Itararé (FAFIT), possui especializações em Gestão Escolar, Psicomotricidade, Neuropsicomotricidade e Educação Infantil, Alfabetização e Letramento. É mestra pelo ProEF da UNESP campus Bauru.

Sua trajetória profissional e acadêmica é marcada pelo compromisso com uma Educação Física crítica, inclusiva e humanizadora, especialmente no desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas à Cultura de Paz, à mediação de conflitos e à valorização das relações humanas no contexto escolar. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Docência e(m) Movimento (GEPEDOM), certificado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB).



CURRÍCULO LATTES

<http://lattes.cnpq.br/1424322712474348>

SOBRE A ORIENTADORA



CATIA SILVANA DA COSTA

É Licenciada Plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Centro de Ciências da Saúde e Especialista em Educação Física para Professores do Ensino Fundamental e Médio pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Cursou Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), respectivamente nas linhas "Formação de Professores e Outros Agentes Educacionais, Novas Tecnologias e Ambientes de Aprendizagem" e "Estado, Política e Formação Humana". É Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), tendo iniciado no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) e redistribuído para o IFB. Na Pós-Graduação, integra o ProfEF, da UNESP Bauru, e o Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Integra o CRIFPE-Brasil da UNESP (Centro de Pesquisa Internacional sobre a Formação e a Profissão Docente), filiado ao CRIFPE-Canadá.

É líder do (GEPEDOM), certificado pela (PRPI) do IFB. Em síntese, tem experiência na Educação e nas subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física, com ênfase em formação de professores e processos de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, nos Ensinos Fundamental e Médio, no Ensino Superior e na Educação Profissional.



CURRÍCULO LATTES

<http://lattes.cnpq.br/3857947314718836>



APRESENTAÇÃO

A escola é um espaço marcado pela convivência entre diferentes sujeitos, culturas, histórias, modos de pensar e formas de se relacionar. Nesse contexto, conflitos, divergências e situações de violência fazem parte do cotidiano escolar e se manifestam de diferentes maneiras, como exclusões, xingamentos, preconceitos, discriminações, agressões verbais, *bullying* e outras formas de desrespeito entre os estudantes.

Nos últimos anos, o aumento das situações de violência no ambiente escolar tem provocado preocupações cada vez maiores entre professores, famílias e instituições de ensino. Diante dessa realidade, torna-se fundamental desenvolver práticas pedagógicas comprometidas com o diálogo, o respeito às diferenças, a convivência democrática e a construção de relações mais humanas no cotidiano escolar.

A promoção da Cultura de Paz passou a ser reconhecida também como responsabilidade da escola. A Lei n.º 13.663, de 14 de maio de 2018, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – incluindo entre as incumbências das instituições de ensino – a promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, bem como a promoção da Cultura de Paz no ambiente escolar (Brasil, 2018).

A Cultura de Paz compreende valores, atitudes e práticas fundamentadas no respeito à vida, nos direitos humanos, na cooperação, na justiça social, na empatia e na resolução não violenta dos conflitos (ONU, 1999). Assim, construir uma Cultura de Paz na escola não significa ignorar os conflitos, mas aprender a lidar com eles por meio do diálogo, da escuta, da reflexão e do respeito às diferenças.

Quando trabalhado de maneira centrada apenas na competição excessiva, na exclusão dos menos habilidosos e na valorização exclusiva do rendimento, o esporte pode reforçar situações de humilhação, preconceito, agressividade e desigualdade. Por outro lado, quando desenvolvido por meio do diálogo, da participação coletiva, da cooperação e da reflexão crítica, pode se tornar um importante espaço de construção de valores humanos, mediação de conflitos e fortalecimento da convivência democrática.

Foi com base nessas inquietações que surgiu este e-book. O material se fundamenta em uma pesquisa de mestrado desenvolvida no ProEF/UNESP-Bauru, realizada com estudantes do 5.º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal.

As propostas apresentadas foram fundamentadas:



Na perspectiva crítico-emancipatória de Kunz (2004);



Nas Cinco Pedagogias da Paz, de Salles Filho (2016);

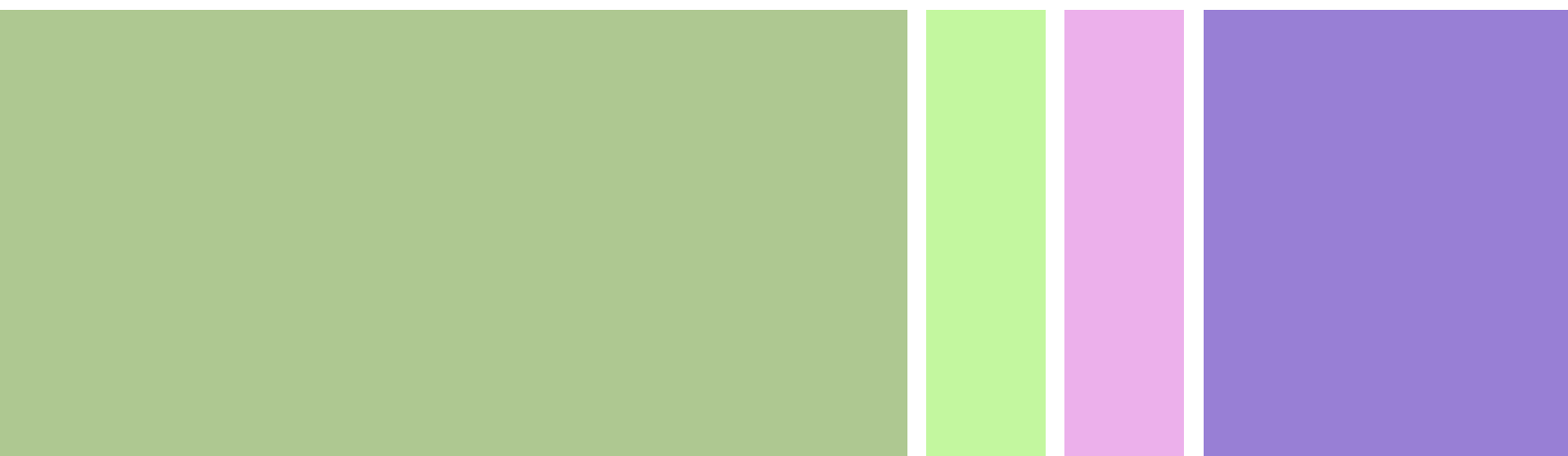


E nos princípios da Comunicação Não-Violenta (CNV), de Rosenberg (2006).

O objetivo deste material é oferecer pistas pedagógicas para que professores possam desenvolver aulas de Educação Física mais dialógicas, participativas e humanizadas, utilizando o esporte como possibilidade de construção da Cultura de Paz na escola.

Mais do que apresentar atividades prontas, este e-book busca incentivar reflexões sobre as relações construídas durante os jogos, as formas de convivência presentes nas aulas e o papel do professor na mediação dos conflitos e na formação humana dos estudantes.

Espera-se que este material possa contribuir para que a Educação Física se fortaleça como espaço de diálogo, respeito, inclusão, cooperação e transformação das relações no ambiente escolar.



SUMÁRIO



Este sumário é interativo!

Clique para ser direcionado à página desejada. Para retornar ao sumário, é só clicar na numeração de cada página, localizada no canto inferior.

1. O que é Cultura de Paz?	12
Paz, conflito e violência	13
O Conceito de Paz	14
Paz Positiva e Paz Negativa	15
Os conceitos de conflito e violência	18
2. Educação Física na perspectiva crítico-emancipatória	24
A concepção crítico-emancipatória	25
Os quatro pilares da Educação	32
3. As cinco pedagogias da Paz de Salles Filho (2016)	34
As cinco pedagogias da Paz	35
4. Comunicação não-violenta na escola	44
Comunicação não-violenta	45

5. Instrumentos pedagógicos para a prática docente.....	50
A importância das rodas de conversa, da observação participante e dos diários de aula na prática docente.....	51
Dicas para organizar rodas de conversa.....	53
O que registrar no diário de aula.....	54
6. Sequências Didáticas para a construção da Cultura de Paz.....	56
Aula 1 - Pedagogia dos Valores Humanos.....	57
Aula 2 - Pedagogia dos Direitos Humanos.....	69
Aula 3 - Pedagogia da Conflitologia.....	79
Aula 4 - Pedagogia da Ecoformação.....	91
Aula 5 - Pedagogia das Vivências/Convivências.....	102
Considerações Finais.....	112
Referências.....	113

Nota editorial: Este Recurso Educacional foi desenvolvido na plataforma digital *Canva*. A composição visual utiliza elementos gráficos do próprio catálogo do *Canva* e ilustrações geradas por inteligência artificial (Gemini Flash, 2024). Os infográficos foram gerados no aplicativo/ferramenta Google NotebookLM.





O QUE É CULTURA DE PAZ?



A Cultura de Paz pode ser entendida como um conjunto de valores, atitudes, comportamentos e práticas sociais fundamentadas no respeito à vida, nos direitos humanos, no diálogo, na cooperação e na resolução não violenta dos conflitos. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a Cultura de Paz busca promover relações pautadas na justiça, na solidariedade, na democracia e no respeito às diferenças (Brasil, 2004).

No contexto educacional brasileiro, a Lei n.º 13.663, de 14 de maio de 2018, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), incluindo – entre as incumbências das instituições de ensino – a promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate à violência, bem como a promoção da Cultura de Paz no ambiente escolar.

PAZ, CONFLITO E VIOLÊNCIA

Mouly (2022) destaca que a construção da paz exige enfrentar dimensões estruturais, culturais e relacionais dos conflitos, compreendendo-os em sua amplitude e complexidade. Para esse fim, é necessário entender os conceitos: Paz, Conflito e Violência, que permeiam a escola e a vida dos estudantes, e a comunidade escolar em geral.

O CONCEITO DE PAZ

Segundo a ONU, uma Cultura de Paz envolve a promoção de valores, atitudes e comportamentos que incentivem o respeito à vida e a prática da não violência, por meio da educação, do diálogo e da cooperação (Brasil, 2004).

Como destaca Jares (2002), a Educação para a Paz não pode ser reduzida a um conjunto de discursos moralizantes, mas deve estar presente no cotidiano das práticas escolares, promovendo mudanças reais nas relações interpessoais. Além disso, a ONU ressalta a necessidade de um compromisso global com a Cultura de Paz, estabelecendo que esse conceito não pode se limitar a uma esfera individual ou comunitária, mas deve permear todas as estruturas sociais, políticas e econômicas. Esse aspecto se aproxima da visão de Morin (2001), que argumenta que a paz deve ser entendida com base em uma perspectiva sistêmica, reconhecendo a interdependência entre os indivíduos, as instituições e o meio ambiente.

A necessidade de promover um ambiente educacional baseado em valores de respeito mútuo e diálogo se tornou indispensável em um mundo onde as relações interpessoais estão frequentemente marcadas por tensões e desentendimentos. A proposta de uma educação transformadora se alinha a essa perspectiva, na qual a cultura de paz se torna uma prioridade nas práticas pedagógicas (Jares, 2002).

PAZ POSITIVA E PAZ NEGATIVA

De acordo com Galtung (2010), a paz pode ser compreendida com base em duas dimensões complementares: a paz negativa e a paz positiva. A paz negativa refere-se à ausência de guerras e de conflitos armados, estando associada à interrupção ou ao controle da violência direta. Trata-se de uma concepção limitada de paz, uma vez que não enfrenta as causas estruturais e culturais que produzem desigualdades, injustiças e opressões. Embora necessária em contextos de conflito armado, essa noção de paz mostra-se insuficiente para entender e transformar as tensões presentes nos espaços educativos, especialmente no cotidiano da escola.

Com base nas leituras e no contexto escolar, a paz negativa pode ser percebida quando se busca apenas evitar brigas, agressões físicas ou conflitos explícitos, muitas vezes por meio de práticas disciplinadoras, silenciadoras ou punitivas. Nessa lógica, a ausência momentânea de confrontos é confundida com paz, mesmo quando permanecem presentes exclusões, discriminações, violências simbólicas e microviolências naturalizadas. Assim, a escola pode aparentar um ambiente pacífico, enquanto relações marcadas por injustiça, desrespeito e negação do outro continuam sendo reproduzidas.

Em contraposição, a paz positiva, conforme proposta por Galtung (1998), constitui-se como um processo ativo e permanente de construção de relações sociais baseadas na cooperação, na justiça e na dignidade humana. Diferentemente da paz negativa, a paz positiva não se limita à ausência de conflito, mas envolve a transformação das estruturas, das culturas e das relações que sustentam os conflitos. Essa concepção dialoga diretamente com a realidade escolar, haja vista que reconhece que os conflitos são inerentes à convivência e que o desafio educativo não é eliminá-los, mas aprender a mediá-los de forma ética, dialógica e construtiva.

Mudança de Paradigma: O Que é a Verdadeira Paz na Escola?

Paz Negativa



Foco: Apenas conter brigas e silenciar disputas.

Ação Docente: Punição e advertência ("Parem de brigar ou acaba o jogo").

Resultado: O conflito é abafado temporariamente, mas a raiz da exclusão e da violência estrutural continua intacta.

Paz Positiva



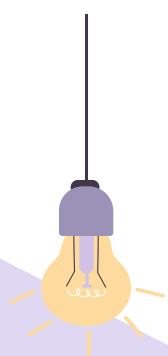
Foco: Construção ativa de estruturas e regras justas.

Ação Docente: Mediação, combate ativo à opressão e garantia do direito à participação de todos.

Resultado: O esporte atua como instrumento de humanização e transformação social (Galtung, 2003).

A paz não é a ausência de conflitos, mas a presença ativa de justiça e mediação.

À luz das leituras realizadas pode-se dizer que a paz positiva se configura como a paz possível e necessária na escola. Trata-se de uma paz construída no cotidiano, por meio do diálogo, do reconhecimento das diferenças, da participação e da corresponsabilidade. A escola, enquanto espaço de formação humana, não pode se limitar a conter conflitos, mas deve criar condições pedagógicas para que os estudantes compreendam as tensões presentes nas relações sociais e desenvolvam formas não violentas de enfrentamento dos conflitos.



SUGESTÕES DE LEITURA:



Clique na leitura desejada para ser
direcionado à página.

“Cultura de Paz como componente da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: dilemas e possibilidades”, de Nei Alberto Salles Filho e Virgínia Ostroski Salles (2018).

“Educação para a Paz: sua teoria e sua prática”, de Xesús R. Jares (2002).

“Como restaurar a Paz nas Escolas: um guia para professores”, de Antonio Ozório Nunes (2011).

OS CONCEITOS DE CONFLITO E VIOLÊNCIA

Para desenvolver um trabalho pedagógico voltado à construção de uma Cultura de Paz na escola, especialmente no contexto das aulas de Educação Física, é fundamental entender os conceitos de paz, conflito e violência. Tal compreensão é necessária porque esses fenômenos atravessam o cotidiano escolar e se manifestam de diferentes formas nas relações entre os estudantes, seja nas disputas por espaço, nas exclusões, nas ofensas verbais, nas agressões físicas ou nas tensões presentes durante jogos e práticas corporais. Assim, conhecer teoricamente o que caracteriza a paz, o conflito e a violência possibilitam ao professor identificar, analisar e problematizar situações vividas nas aulas, transformando-as em oportunidades educativas voltadas ao diálogo, à cooperação e à convivência respeitosa.

Silva *et al.* (2022) apontam que a escola pública, sendo um espaço de interações dinâmicas e intensas, não se exime de conflitos, até porque estes são inerentes à sociabilidade, assegurando o processo de crescimento e transformação. Dessa forma, os conflitos não devem ser apenas evitados ou resolvidos pontualmente, visto que fazem parte da dinâmica escolar e têm potencial transformador.

A Educação para a Paz, nesse contexto, não busca eliminar os conflitos, mas ensinar como gerenciá-los e resolvê-los de maneira construtiva.

De acordo com Jares (2002), é importante abordar os conflitos como parte do processo educativo, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades críticas para a análise e resolução de disputas. Sugere, ainda, que o entendimento de que os conflitos podem ser transformados em oportunidades de diálogo e aprendizado é fundamental na formação de competências para a paz.



O conceito de conflitos é definido pelo autor como sendo uma situação em que pessoas ou grupos sociais percebem metas opostas, com interesses divergentes afirmando valores antagônicos.

Entretanto, quando os conflitos não são reconhecidos, entendidos ou mediados de forma adequada, podem assumir outras formas de manifestação, configurando-se como violências. Com isso, o conflito deixa de cumprir um papel formativo e passa a produzir relações marcadas pela imposição, exclusão e negação do outro. Essa transição do conflito para a violência evidencia a importância de intervenções pedagógicas intencionais que possibilitem a gestão ética e dialógica das tensões presentes no ambiente escolar.

Segundo Galtung (1998), a violência pode ser compreendida em três dimensões interligadas: violência direta, estrutural e cultural. A violência direta é a mais visível e facilmente reconhecida: manifesta-se por meio de agressões físicas, ofensas verbais, ameaças, intimidações ou qualquer ação que cause danos imediato e intencional ao corpo ou à mente de alguém.

A violência direta refere-se às manifestações visíveis e concretas da violência, nas quais é possível identificar claramente o agressor e a vítima. No esporte, essa forma de violência pode apresentar-se por meio de agressões físicas, empurrões, brigas, xingamentos, ameaças verbais e episódios de *bullying*. No esporte de rendimento midiático, são frequentes cenas de atletas agredindo adversários, árbitros e torcedores, além de insultos racistas, homofóbicos e machistas transmitidos amplamente pelos meios de comunicação.

No contexto escolar, essas violências diretas podem surgir quando alunos xingam colegas durante jogos, ridicularizam os menos habilidosos, utilizam apelidos pejorativos ou recorrem à agressividade física como forma de resolver conflitos. Muitas dessas atitudes são justificadas como parte do jogo, revelando como o esporte pode funcionar como espaço de legitimação da violência direta.

A violência estrutural, por sua vez, não tem um agressor identificável e nem sempre é visível, haja vista que está embutida nas estruturas sociais injustas que geram desigualdades e impedem que todos tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento.



A violência estrutural diz respeito às desigualdades e injustiças produzidas pelas próprias estruturas sociais, econômicas e institucionais. No esporte, essa forma de violência pode se manifestar quando determinados grupos têm acesso privilegiado a oportunidades, recursos e reconhecimento, enquanto outros são sistematicamente excluídos. Exemplos disso são a desigual valorização do esporte masculino em relação ao feminino, a menor visibilidade e investimento em modalidades praticadas por mulheres, a exclusão de pessoas com deficiência e as barreiras impostas a atletas de classes sociais menos favorecidas.



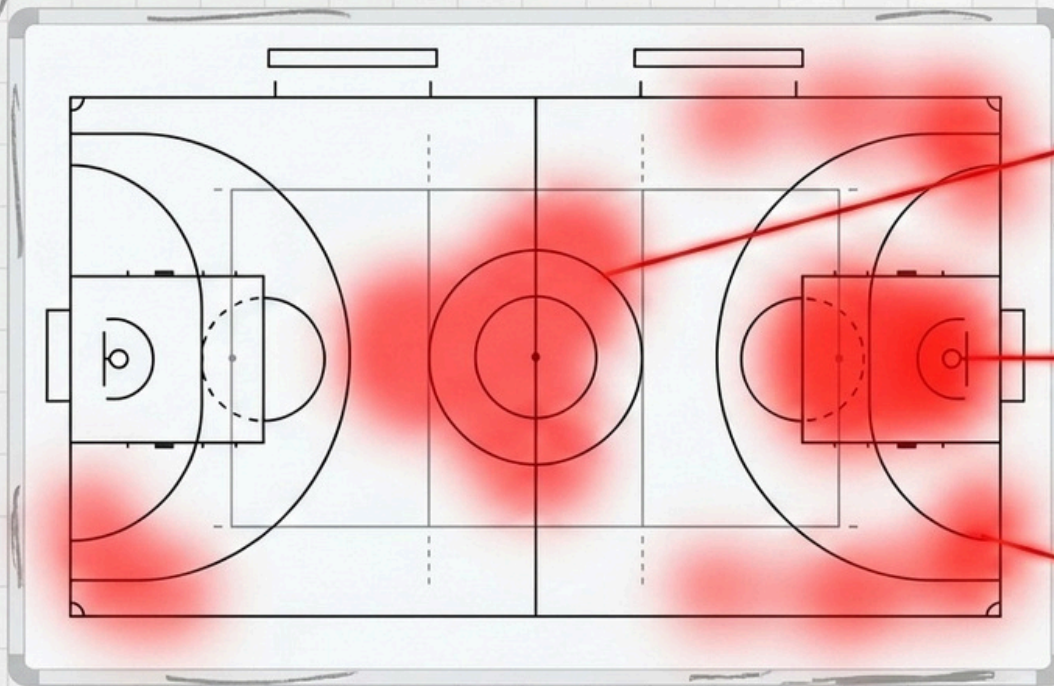
Na escola, a violência estrutural pode ser vista quando apenas os alunos considerados mais habilidosos participam efetivamente das atividades esportivas, quando meninas são desencorajadas ou impedidas de jogar determinadas modalidades, ou quando regras e formatos de jogos favorecem sempre os mesmos estudantes. Essas desigualdades não decorrem de escolhas individuais isoladas, mas de estruturas que organizam o esporte de forma seletiva e excludente.

A violência cultural refere-se a valores, crenças, discursos e normas sociais que legitimam e naturalizam as violências direta e estrutural. É o tipo mais difícil de perceber, estando, muitas vezes, enraizado na cultura escolar e sendo visto como “normal” (Galtung, 1998). Exemplos incluem frases como “menino não dança”, “quem é fraco não joga”, ou a valorização exclusiva da competição e do rendimento, em detrimento da cooperação e do respeito mútuo.

No esporte, essa forma de violência se expressa em ideias amplamente difundidas, como a crença de que o esporte, por si só, forma o caráter, de que a competição extrema é necessária, de que “vencer a qualquer custo” é aceitável, ou de que comportamentos agressivos fazem parte da prática esportiva.

Discursos machistas, racistas e homofóbicos frequentemente presentes no esporte de alto rendimento e reproduzidos pela mídia contribuem para a naturalização dessas violências. Quando se aceita que insultos, humilhações e exclusões são normais “porque é esporte”, reforça-se a violência cultural, que sustenta e legitima tanto a violência direta quanto a estrutural. No ambiente escolar, essa violência cultural aparece quando práticas excludentes são vistas como naturais, quando o sofrimento do outro é minimizado e quando determinadas desigualdades não são questionadas.

O Diagnóstico: As Violências Ocultas no Chão da Quadra



A Exclusão Silenciosa

Alunos menos habilidosos preteridos na escolha dos times (hierarquização do privilégio motor).

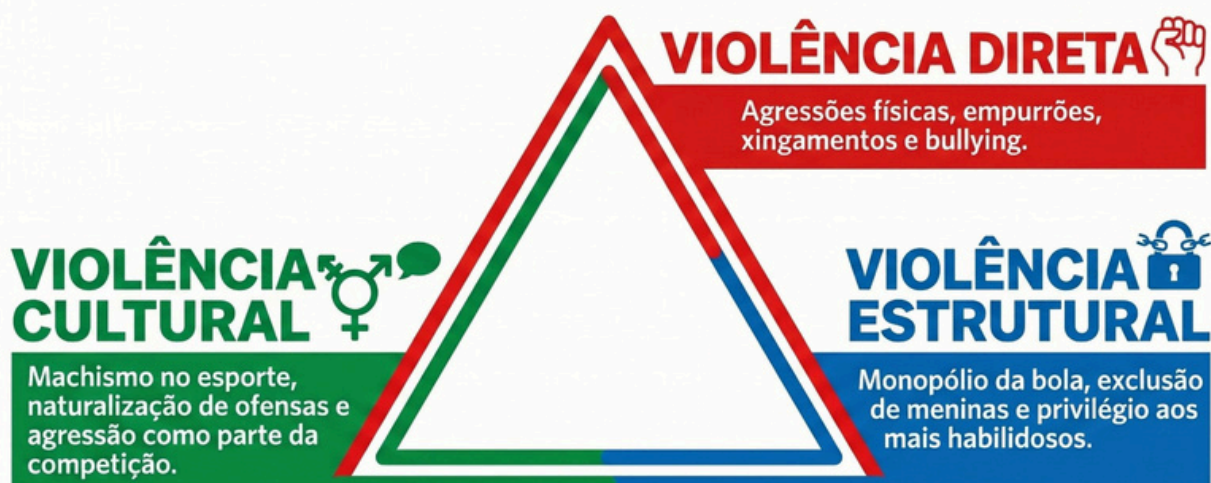
A Violência Naturalizada

Xingamentos disfarçados de competitividade e "coisas do jogo" ("fomeira", "não sabe jogar").

A Segregação de Gênero

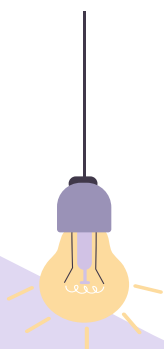
Meninas afastadas do protagonismo nas quadras por preconceitos enraizados nas práticas.

O Triângulo das Violências na Educação Física



© NotebookLM

SUGESTÃO DE LEITURA:



Clique na leitura desejada para ser direcionado à página.

“Tras la Violencia, 3R: reconstrucción, reconciliación, resolución”, de Johan Galtung (1998).



EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA CRÍTICO- EMANCIPATÓRIA

A CONCEPÇÃO CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA:

A concepção crítico-emancipatória de Kunz (2004), compreende o ensino como um processo comunicativo, no qual os sujeitos constroem significados nas experiências vividas.

O entendimento dos termos “crítico” e “emancipatório” é fundamental para essa abordagem. O caráter crítico se refere à capacidade de analisar, questionar e refletir sobre as condições sociais que influenciam as práticas corporais, superando a aceitação acrítica de normas e valores. Já a emancipação diz respeito à possibilidade de o sujeito libertar-se dessas condicionantes, desenvolvendo autonomia e consciência para agir de forma ética e responsável no meio social.





Como aponta Mollenhauer (1972 *apud* Kunz, 2004, p. 43):

[...] Isso significa dizer, que conduzir o ensino na concepção crítico-emancipatória, com ênfase na linguagem, é ensinar o aluno a ler, interpretar e criticar o fenômeno sociocultural do esporte. Crítica significa, nesse sentido, conforme Mollenhauer (1972), a capacidade de análise das condições de racionalidade na forma que possibilite uma avaliação intersubjetiva. Emancipação, para o mesmo autor, é a libertação do sujeito – no caso, o jovem, aluno – das condições que limitam a sua racionalidade, bem como de um agir social de forma racional.

A concepção crítico-emancipatória, proposta por Kunz (2004), se fundamenta na teoria crítica da sociedade e estabelece um compromisso com a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e capazes de compreender e transformar a realidade social. Nessa perspectiva, o ensino da Educação Física ultrapassa a dimensão técnica do movimento, assumindo uma função pedagógica voltada à construção de sentidos, à problematização das práticas corporais e à participação ativa dos estudantes no processo educativo.

AÇÃO COMUNICATIVA:

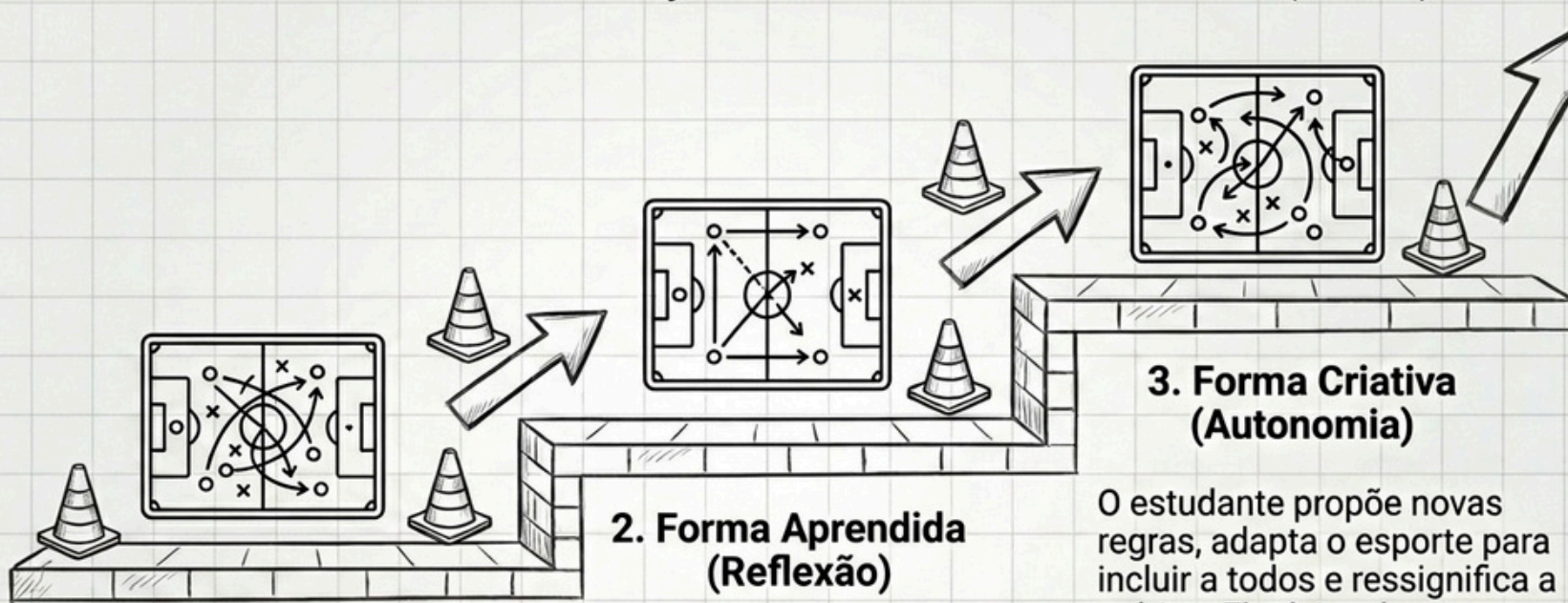
Para alcançar esse objetivo, Kunz (2004) propõe uma didática fundamentada na teoria da ação comunicativa, inspirada em Habermas (1981), na qual o ensino se constitui como um processo dialógico e o conhecimento é construído coletivamente por meio da interação entre professor e alunos.

Segundo Kunz (2004), a superação das desigualdades, injustiças sociais e relações de opressão exige uma leitura crítica da realidade social. No campo pedagógico, isso pode ocorrer por meio da ação comunicativa entre educador e educando, quando o entendimento de mundo dos participantes passa a ser tematizada como objeto do conhecimento educativo. Nessa perspectiva, o autor defende que a prática pedagógica é compreendida como um processo de conscientização do mundo vivido, mediado por uma ação comunicativa crítica e problematizadora.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES”

No âmbito dessa didática, o autor apresenta como princípio pedagógico a necessidade de promover a “transcendência de limites”, entendida como o movimento de superação das formas imediatas e naturalizadas de agir e pensar. Essa proposta se desenvolve em três dimensões articuladas. A primeira refere-se à forma direta, na qual o aluno vivencia novas experiências por meio do contato com diferentes possibilidades de movimento e organização das práticas. A segunda corresponde à forma apreendida, na qual essas experiências são refletidas e compreendidas, permitindo ao aluno atribuir sentidos às suas ações. Por fim, a forma criativa ou inventiva representa o nível mais avançado desse processo, no qual o estudante passa a propor novas formas de agir, reinventando práticas e construindo alternativas mais conscientes e significativas.

O Motor da Transformação: Transcender Limites (Kunz)



1. Experimentação Direta

(Explorar e experimentar livre, se comunica, vivencia.)

O aluno tem contato livre com o esporte sem a rigidez da técnica perfeita. Foco em sentir o corpo, o ambiente e a dinâmica do grupo.

2. Forma Aprendida (Reflexão)

Ação mediada pelo professor. Pela imagem, pelo esquematismo, pela apresentação verbal de situações do movimento e do jogo, o aluno reflete, executa e propõe soluções.

3. Forma Criativa (Autonomia)

O estudante propõe novas regras, adapta o esporte para incluir a todos e ressignifica a prática. Ele deixa de ser um mero reprodutor e vira criador. O aluno cria/inventa movimentos/jogos com sentido para uma "definida situação".



Esse processo pedagógico atua diretamente sobre o estudante ao favorecer a passagem de uma postura passiva e reprodutora para uma atuação ativa e reflexiva. Ao transcender limites, o estudante amplia sua compreensão sobre o esporte e suas próprias ações, desenvolvendo autonomia, criticidade e capacidade de intervenção no contexto social.

CATEGORIAS TRABALHO, INTERAÇÃO E LINGUAGEM E AS COMPETÊNCIAS OBJETIVA, SOCIAL E COMUNICATIVA:

Kunz (2004) apresenta as categorias trabalho, interação e linguagem, originalmente introduzidas por Mayer (1987).

Segundo Kunz (2004), o ensino crítico-emancipatório da Educação Física deve favorecer o desenvolvimento das competências objetiva, social e comunicativa.

A competência objetiva relaciona-se ao domínio consciente de conhecimentos, técnicas e habilidades das práticas corporais, possibilitando atuação autônoma. A competência social refere-se à capacidade de cooperar, participar e assumir papéis sociais nas relações estabelecidas nas práticas corporais. Já a competência comunicativa entende a expressão verbal e corporal, o diálogo e a reflexão crítica sobre as experiências vividas.

Com base na leitura de Kunz (2004), que se baseou em Mayer (1987), a categoria trabalho, que desenvolve a competência objetiva, relaciona-se ao aprender por meio da ação, da experimentação e da realização de tarefas significativas. Na Educação Física, essa categoria se expressa na participação ativa do estudante em situações de aprendizagem corporal, envolvendo o fazer consciente, a resolução de problemas motores, a construção de estratégias e o domínio progressivo das práticas corporais.



Nas aulas, isso pode ocorrer quando os alunos experimentam diferentes formas de jogar, criam soluções para desafios motores, adaptam regras ou constroem materiais. O movimento deixa de ser mera repetição técnica e passa a ser ação intencional e significativa.

A categoria interação, que desenvolve a competência social, pode-se dizer que se refere às relações sociais construídas no processo educativo. Para Kunz (2004), aprender também significa conviver, cooperar, negociar regras, lidar com conflitos e reconhecer o outro como sujeito.

Na Educação Física, essa dimensão é importante, posto que os jogos, os esportes e as brincadeiras exigem constante relação entre os participantes. A interação favorece o desenvolvimento da competência social, o agir solidário e cooperativo, o respeito às diferenças e a participação coletiva.

A categoria linguagem, que desenvolve a competência comunicativa, diz respeito à comunicação verbal e corporal presente nas práticas pedagógicas. Para Kunz (2004), a linguagem ocupa papel importante no processo emancipatório, visto que é por meio dela que os estudantes refletem, expressam opiniões, problematizam experiências e constroem pensamento crítico.

Articuladas, essas categorias desenvolvem competências nos estudantes que podem contribuir para uma formação humana integral e emancipatória.

O autor destaca que “As crianças, especialmente, comunicam-se muito pelo seu se-movimentar, pela linguagem do movimento” (Kunz, 2004, p. 41). Assim, a linguagem não se restringe à fala, uma vez que o corpo também comunica.

Ao articular esses elementos, a concepção crítico-emancipatória oferece fundamentos consistentes para a transformação do ensino do esporte na escola. O esporte é compreendido, nessa perspectiva, como um fenômeno sociocultural permeado por relações de poder, valores e conflitos, cuja tematização crítica pode favorecer a desnaturalização de práticas excludentes e violentas e a construção de relações baseadas no diálogo, na cooperação e no respeito às diferenças.

Na perspectiva crítico-emancipatória, Kunz (2004) propõe que o ensino dos esportes na escola seja orientado pelas estratégias de problematização, encenação e transformação didático-pedagógica. A problematização consiste em analisar criticamente os valores e as contradições presentes no esporte; a encenação possibilita vivenciar e representar situações que favoreçam reflexão e empatia; e a transformação didático-pedagógica está relacionada à adaptação do esporte institucionalizado às finalidades educativas da escola.

Nesse processo, o aluno deve ocupar o papel principal no ensino, e não a modalidade esportiva em si. Além disso, de acordo com Kunz (2004), a educação crítico-emancipatória não se resume ao “saber-fazer” técnico, mas envolve também o “saber-pensar” e o “saber-sentir”, articulando ação, reflexão e sensibilidade na formação humana.



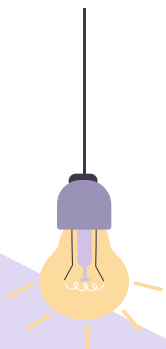
OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO:

A defesa de uma Educação Física crítica e emancipatória também se articula com a proposta de formação integral apresentada por Delors (1999), que entende a educação como um processo que envolve múltiplas dimensões do desenvolvimento humano. O autor propõe quatro pilares fundamentais: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver juntos” e “aprender a ser”.

O Relatório Delors, elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, destaca a relevância da educação diante dos desafios contemporâneos, ao afirmar que “ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social” (Delors, 1999, p. 11).

O “aprender a conhecer”, segundo o autor, refere-se ao desenvolvimento da curiosidade, do pensamento crítico e da compreensão de mundo. No contexto da Educação Física, isso implica entender as práticas corporais para além da técnica, reconhecendo seus significados culturais e sociais. O “aprender a fazer” se relaciona à capacidade de agir no mundo de forma ética e criativa, o que se expressa, nas aulas, na cooperação, na tomada de decisões e na resolução de problemas coletivos.

O “aprender a viver juntos” se destaca como dimensão fundamental para a construção da Cultura de Paz, visto que envolve o diálogo, o respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos. Já o “aprender a ser” se refere ao desenvolvimento integral do sujeito, contemplando aspectos cognitivos, emocionais, éticos e sociais.



SUGESTÕES DE LEITURA:



Clique na leitura desejada para ser
direcionado à página.

“Transformação Didático-Pedagógica do Esporte”, de Elenor Kunz (2004).

“Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”,
de Paulo Freire (2002).

“Os sete saberes necessários à educação do futuro”, de Edgar Morin
(2013).



AS CINCO PEDAGOGIAS DA PAZ DE SALLES FILHO (2016)

AS CINCO PEDAGOGIAS DA PAZ

Salles Filho (2016) apresenta pedagogias fundamentais para a construção da Cultura de Paz. Trata-se das Cinco Pedagogias da Paz: “Pedagogia dos Valores Humanos”, “Pedagogia dos Direitos Humanos”, “Pedagogia da Conflitologia”, “Pedagogia da Ecoformação” e “Pedagogia das Vivências/Convivências”.

Salles Filho (2016) explica que a pedagogia dos Valores Humanos se caracteriza por enfatizar a importância de se vivenciar valores que favoreçam o respeito, a empatia e a solidariedade. Nessa pedagogia, busca-se desenvolver a consciência ética nos estudantes.

Ultrapassando a visão segundo a qual a escola é apenas uma transmissora de conhecimentos técnicos e acadêmicos, a Pedagogia dos Valores Humanos contribuiria para a formação integral do ser humano, formação essa que inclui, como aponta Morin (2002), a educação ética e moral, valores essenciais para a convivência harmoniosa e valorização da dignidade humana.



A Pedagogia dos Direitos Humanos, segundo Salles Filho (2016), propõe a integração da temática dos direitos humanos ao currículo escolar, incentivando o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes em relação às desigualdades e violações de direitos que ocorrem no contexto social. Essa pedagogia prepararia os jovens para participar de uma sociedade mais justa e equitativa. A Pedagogia da Conflitologia reconhece o conflito como parte inerente das interações humanas, promovendo a conscientização para o tratamento das divergências de forma pacífica, com ênfase em estratégias de mediação e resolução de conflitos (Salles Filho, 2016). Tal pedagogia pode promover a aprendizagem colaborativa e a escuta ativa para gerir os conflitos, fortalecendo as relações interpessoais, e contribuindo para a construção de uma Cultura de Paz na escola.

A Pedagogia da Ecoformação oferece uma perspectiva abrangente que enfatiza a conexão entre os seres humanos e o meio ambiente, conforme salientado por Salles Filho (2016). Essa abordagem visa tanto sensibilizar os estudantes para a interdependência ecológica quanto fomentar atitudes sustentáveis e responsáveis em relação ao planeta. Morin (2005) já ressaltava a importância de uma educação que reconheça a complexidade das interações ser humano-natureza, promovendo um entendimento global e sistêmico da vida. Dessa forma, a Pedagogia da Ecoformação se torna um meio vital para cultivar uma consciência ambiental crítica e proativa nas futuras gerações. Por fim, Salles Filho (2016) explica que a Pedagogia das Vivências/Convivências enfatiza a importância da experiência concreta na construção do conhecimento, com atividades práticas que envolvem cooperação, ludicidade e expressão corporal, favorecendo a aprendizagem significativa.

As Cinco Pedagogias da Paz constituem um referencial teórico relevante, oferecendo orientações que podem instrumentalizar o desenvolvimento de práticas educacionais voltadas à promoção da Cultura de Paz nas escolas. A Educação Física, por sua natureza dinâmica e interativa, apresenta-se como um campo propício para a articulação dessas pedagogias, uma vez que possibilita aos estudantes vivenciarem e experimentarem valores relacionados à convivência, ao respeito e à cooperação (Salles Filho, 2016).

Com o objetivo de sistematizar os principais fundamentos das Cinco Pedagogias da Paz propostas por Salles Filho (2016), é apresentado o quadro a seguir. O material sintetiza os elementos pedagógicos básicos de cada uma dessas perspectivas: Valores Humanos, Direitos Humanos, Conflitologia, Ecoformação e Vivências/Convivências.



Quadro 1 – Síntese dos elementos básicos das “Cinco Pedagogias da Paz”.

COMPONENTE DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ	ELEMENTOS PEDAGÓGICOS BÁSICOS
Pedagogia dos Valores Humanos com o foco na Educação para a Paz	Refletir sobre os valores humanos; Dialogar sobre valores humanos (intergeracionais, inter-religiosos e interculturais); Entender e refletir sobre a relação entre valores universais e valores cotidianos; Questionar os valores sempre na perspectiva das diferenças e aproximações; Construir valores adequados à diversidade do século XXI; Redimensionar valores relacionados à família, sociedade, espiritualidade, entre outros; Perceber que os valores humanos são fundamentais para o estabelecimento de Cultura de Paz.
Pedagogia dos Direitos Humanos com o foco na Educação para a Paz	Considerar, mas flexibilizar o campo da Educação em Direitos Humanos; Partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos e discuti-la em face aos problemas atuais da humanidade e do cotidiano; Conceber os Direitos Humanos na relação com os Valores Humanos, no sentido da sustentabilidade da vida; Perceber na Constituição Federal de 1988 os aspectos fundamentais na busca pela Cultura de Paz; Pensar os Direitos Humanos em relação à pobreza, miséria, morte, entre outros flagelos na humanidade, olhando para o Brasil, mas também para todos os problemas no mundo que afetam diretamente os direitos fundamentais à vida.

COMPONENTE DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ	ELEMENTOS PEDAGÓGICOS BÁSICOS
Pedagogia da Conflitologia com o foco na Educação para a Paz	Entender o campo da mediação de conflitos e da resolução destes de forma não-violenta; Perceber o conflito como elemento criativo e de crescimento nas relações; Estimular a resolução não-violenta dos conflitos pela construção de diálogo, empatia, equilíbrio, tolerância e respeito às diferenças; Possibilitar espaços para a construção de boas experiências de mediação, balizados pelas perspectivas dos círculos de paz (restaurativos), comunicação não-violenta, etc.; Reconhecer o papel decisivo da mediação, conciliação e da solução de conflitos como postura altamente favorecedora da Cultura de Paz.
Pedagogia da Ecoformação com o foco na Educação para a Paz	Afirmar a sustentabilidade como um valor fundamental para o século XXI; Sair da dicotomia “homem-meio ambiente” para o “ser humano no mundo” e a “cidadania planetária”; Entender que “tudo reage sobre tudo”, ou seja, as pequenas ações têm repercussão seja como homem, natureza, planeta, energia etc.; Entender a perspectiva da transcendência como a espiritualidade na prática cotidiana, relacionada com os valores, direitos e mediação; Valorizar a vida plena como ideal e, ao mesmo tempo, construção de novas realidades; Entender que a ecoformação lança o indivíduo em sua integralidade rumo à vida, na perspectiva da busca por uma Cultura de Paz consigo mesmo, com o outro e com o planeta.

Continuação...

COMPONENTE DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ	ELEMENTOS PEDAGÓGICOS BÁSICOS
Pedagogia das Vivências/Convivências com o foco na Educação para a Paz	Reconhecer a corporeidade e ludicidade como pontos centrais nas práticas pedagógicas; Reconhecer as dinâmicas de grupo, jogos cooperativos, jogos, harmonização, relaxamento, música, expressão corporal, práticas circulares, diálogos (duplas/trios), etc., como forma de viver e conviver, e não apenas como “instrumentos” de educação; Valorizar as ações do grupo, na escola e na comunidade, etc.; Redimensionar o padrão das convivências; Aprender/reaprender a conviver com mais leveza e reencontro nas relações.

Fonte: Salles Filho (2016, p. 328).

Tal organização possibilita compreender como esses referenciais podem orientar intervenções pedagógicas no contexto escolar e, de modo particular, nas aulas de Educação Física, favorecendo a construção de relações mais democráticas, inclusivas e comprometidas com a Cultura de Paz.

Também foi utilizado um Plano de Desenvolvimento de Aula proposto por Kunz (2004) e, que foi adaptado e reorganizado pela professora-pesquisadora.

Quadro 2 – Plano de Desenvolvimento de Aula.

TEMPO	ETAPAS	DESENVOLVIMENTO	ORGANIZAÇÃO
10	Introdução	1. Explicação da aula; 2. Formas de participação; 3. Respondendo dúvidas.	Roda de conversa: Explicações do professor e discussão com os alunos.
15	“Transcendência de limites para experimentação”	1. Montagem de um arranjo material; 2. Livre experimentação; 3. Seleção das atividades.	Trabalho de grupo e individual.
15	“Transcendência de limites para aprendizagem”	1. Formação de grupos; 2. Seleção das etapas da atividade; 3. Repetição e correção das etapas; 4. Encenação final da atividade.	Trabalho em pequenos grupos, a dois e grande grupo.
10	“Transcendência de limites criando/ inventando”	1. Problemática do professor; 2. Apresentação de ideias pelo grupo; 3. Execução das ideias em pequenos grupos; 4. Encenação final das atividades criadas.	Roda de conversa: Trabalho com grande grupo; Trabalho com pequenos grupos.

Continuação...

TEMPO	ETAPAS	DESENVOLVIMENTO	ORGANIZAÇÃO
10	Final	1. Avaliando as atividades e a participação; 2. Tarefa de casa: leitura de um pequeno texto trazido pela professora-pesquisadora.	Roda de conversa: Grande grupo.
Materiais	Cones, coletes esportivos de duas cores, bolas de Futsal, bolas de borracha, bolas de Basquetebol, bolinhas de Tênis, bolas de Voleibol, bolas de Handebol, papelão, elástico, folhas impressas com os textos ilustrados.		
Observação	Diário de aula da professora-pesquisadora.		

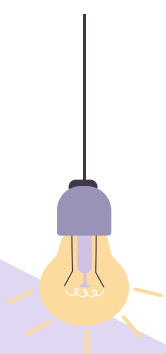
Fonte: Adaptado de Kunz (2004).

O Quadro 3 apresenta o plano de desenvolvimento de aula fundamentado na proposta crítico-emancipatória de Kunz (2004), especialmente nas reflexões didáticas apresentadas pelo autor acerca da transformação didático-pedagógica do esporte. Nessa perspectiva, a aula é organizada com base nas seguintes etapas: introdução, “transcendência de limites pela experimentação”, “transcendência de limites pela aprendizagem”, “transcendência de limites criando/inventando” e a etapa final com a avaliação, buscando favorecer a participação ativa dos estudantes no processo de construção do conhecimento, articulando experiências corporais, reflexão crítica, interação social e criatividade.

Inicialmente, a etapa de introdução tem como finalidade apresentar a proposta da aula, discutir formas de participação e solucionar possíveis dúvidas, promovendo um ambiente dialógico e participativo. Em seguida, a “transcendência de limites pela experimentação” corresponde ao primeiro contato dos estudantes com a atividade, priorizando a livre experimentação e a exploração do movimento, sem centralidade na execução técnica. Já a “transcendência de limites pela aprendizagem” refere-se ao momento em que os alunos aprofundam suas experiências por meio da repetição, organização e compreensão das ações desenvolvidas durante a prática.

A etapa denominada “transcendência de limites criando/inventando” representa o momento em que os estudantes passam a elaborar ideias, propor soluções, modificar regras e participar ativamente da construção das atividades, favorecendo a autonomia, a criatividade e a reflexão crítica sobre as práticas corporais. Por fim, a etapa final contempla momentos de avaliação, diálogo e retomada das experiências vividas durante a aula.

Essa organização didática proposta por Kunz (2004), defende que o ensino da Educação Física deve superar práticas centradas apenas na reprodução técnica dos movimentos, valorizando processos comunicativos, criativos e emancipatórios no contexto escolar.



SUGESTÃO DE LEITURA:



Clique na leitura desejada para ser
direcionado à página.

“Cultura de Paz e Educação para a Paz: olhares a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin”, de Nei Alberto Salles Filho (2016).



COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA NA ESCOLA

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

A CNV se apresenta como uma possibilidade de mediação dos conflitos no contexto escolar, buscando evitar que situações de desentendimento, frustração e exclusão se transformem em práticas de violência.

Rosenberg (2006, p. 32) explica que "[...] a CNV nos ensina a observar cuidadosamente (e sermos capazes de identificar) os comportamentos e as condições que estão nos afetando". Ao orientar o foco para a observação não-julgadora, com a CNV abre-se a possibilidade que o professor acesse o aluno sem preconceitos ou rotulações que ferem sua autonomia, transformando o respeito em uma atitude comunicacional.

A CNV, ao fornecer os quatro componentes (observação, sentimento, necessidade e pedido), pode atuar como um antídoto ao julgamento, ensinando o aluno a redirecionar a energia da raiva para a busca autônoma e eficaz de suas necessidades.

Quadro 3 – Etapas da Comunicação Não-Violenta aplicadas às aulas de Educação Física.

ETAPA DA CNV	O QUE SIGNIFICA	O QUE FAZER	EXEMPLO PRÁTICO NA AULA
1. Observar sem julgar	Ver a situação sem colocar rótulos ou críticas.	Descrever o que aconteceu, sem acusar.	Em vez de dizer: “Você é egoísta, só chama seus amigos para jogar”, dizer: “Eu percebi que você não me chamou para jogar.”
2. Expressar sentimentos	Falar como se sente de forma clara.	Nomear emoções (triste, feliz, nervoso, com medo, animado).	“Fiquei triste quando você não me chamou para jogar”.
3. Identificar necessidades	Perceber qual necessidade está por trás do sentimento.	Reconhecer o que preciso: amizade, respeito, segurança, diversão, cooperação.	“Fiquei triste porque preciso me sentir incluído nas brincadeiras”.
4. Fazer pedidos claros	Pedir de forma positiva e específica, não exigir.	Pedir o que gostaria que o colega fizesse, de modo simples.	“Na próxima vez, você pode me chamar para brincar também?”

Fonte: Elaborado pela autora com base em Rosenberg (2006).

A Ferramenta Tática: Os 4 Passos da CNV na Quadra

1. Observar (sem julgar)

Descrever o fato concreto.

"Percebi que você não tocou a bola para mim no ataque."

2. Sentir (nomear a emoção)

Reconhecer o impacto interno.

"Fiquei triste e frustrado..."

3. Identificar a necessidade.

A raiz do sentimento.

"...porque preciso me sentir incluído e parte do time."

4. Pedir (ação clara)

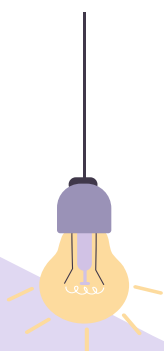
Propor uma solução viável.

"Você pode me incluir na próxima jogada?"

A TRADUÇÃO EM QUADRA:

De (Sintoma): "Você é fomeira!
Não sabe jogar!"

Para (Mediação): Direcionar a energia da raiva para a busca de soluções colaborativas.

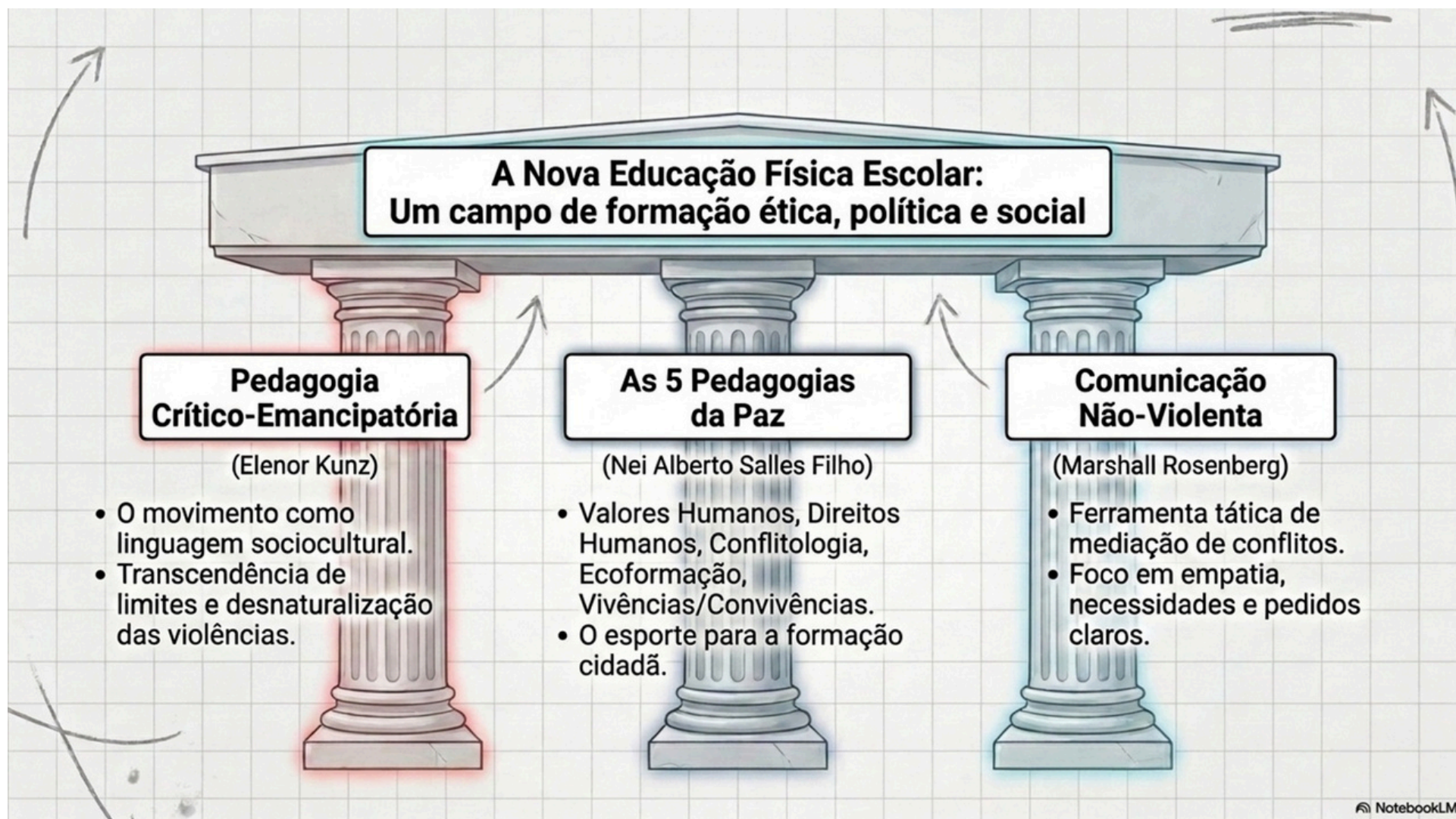


SUGESTÃO DE LEITURA:



Clique na leitura desejada para ser
direcionado à página.

“Comunicação Não-Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais”, Marshall B. Rosenberg (2006).





INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS PARA A PRÁTICA DOCENTE

A IMPORTÂNCIA DAS RODAS DE CONVERSA, DA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E DOS DIÁRIOS DE AULA NA PRÁTICA DOCENTE

Os instrumentos utilizados na pesquisa de mestrado que fundamenta este e-book também se constituem como importantes recursos para a prática docente, visto que possibilitam compreender os estudantes, refletir sobre o cotidiano escolar e desenvolver intervenções pedagógicas mais sensíveis às relações humanas presentes na escola.

Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa busca compreender os significados, os valores, as crenças e as experiências vividas pelos sujeitos. Nesse sentido, instrumentos como a roda de conversa, a observação participante e os diários de aula possibilitam ao professor conhecer melhor seus estudantes, interpretar suas vivências e refletir criticamente sobre sua própria prática pedagógica.

As rodas de conversa constituem espaços de diálogo, participação e construção coletiva de conhecimentos. Segundo Oliveira e Gama (2024), esse instrumento favorece a escuta sensível, a troca de experiências e a reflexão coletiva, possibilitando que os participantes expressem opiniões, sentimentos e percepções sobre suas vivências. Na prática docente, as rodas de conversa contribuem para o fortalecimento do diálogo, da participação e do respeito às diferenças, aspectos fundamentais para a construção da Cultura de Paz na escola.

A observação participante permite ao professor compreender comportamentos, interações e situações vividas pelos estudantes durante as aulas. De acordo com Deslandes, Gomes e Minayo (2007), essa técnica ocorre quando o pesquisador participa diretamente do contexto investigado, observando e interagindo com os sujeitos. No contexto escolar, esse instrumento contribui para que o professor identifique conflitos, formas de participação, dificuldades e possibilidades de intervenção pedagógica.

Os diários de aula, por sua vez, constituem importantes instrumentos de registro e reflexão da prática docente. Segundo Zabalza (2004, p. 13), os diários de aula são “[...] os documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas”. Para o autor, esse instrumento favorece a análise reflexiva da prática pedagógica e contribui para o desenvolvimento profissional docente.

Assim, a utilização das rodas de conversa, da observação participante e dos diários de aula fortalece práticas pedagógicas mais dialógicas, reflexivas e humanizadas, contribuindo para que o professor compreenda melhor seus estudantes e desenvolva intervenções mais coerentes com a realidade vivida no cotidiano escolar.



DICAS PARA ORGANIZAR RODAS DE CONVERSA

- Organize os estudantes em círculo, favorecendo que todos possam se olhar;
- Estabeleça combinados de respeito e escuta antes da conversa;
- Utilize um objeto da fala (bola, cone, boneco, urso de pelúcia, ou outro material). Apenas quem estiver com o objeto pode falar;
- Oriente os estudantes a levantarem a mão quando desejarem falar;
- Valorize todas as falas, sem julgamentos;
- Incentive a escuta atenta e o respeito às opiniões diferentes;
- Faça perguntas problematizadoras relacionadas às vivências da aula;
- Ao final, retome os principais pontos discutidos pelo grupo.

O QUE REGISTRAR NO DIÁRIO DE AULA



Data e turma;



Objetivo da aula;



Conteúdo desenvolvido;



Descrição breve das atividades realizadas;



Participação dos estudantes;



Falas significativas dos estudantes;



Registros de falas gravadas em áudio que contribuam para compreender as percepções e experiências dos estudantes;



Situações de conflito, cooperação ou respeito observadas;



Estratégias de intervenção utilizadas pelo professor;



Dificuldades encontradas durante a aula;



Aspectos positivos da aula;



Reflexões sobre o que pode ser retomado ou modificado nas próximas aulas.





SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ

AULA 1 – PEDAGOGIA DOS VALORES HUMANOS

PEDAGOGIA DOS VALORES HUMANOS: CONSTRUINDO O RESPEITO POR MEIO DO FUTSAL

Professor(a), esta proposta foi construída com base na Pedagogia dos Valores Humanos – apresentada por Salles Filho (2016) –, na perspectiva crítico-emancipatória de Kunz (2004) e nos princípios da CNV, de Rosenberg (2006). Mais do que ensinar fundamentos técnicos do futsal, a aula busca promover reflexão, diálogo, respeito e construção coletiva de valores humanos durante as práticas esportivas.

Segundo Salles Filho (2016), a Pedagogia dos Valores Humanos procura desenvolver valores como respeito, cooperação, empatia, justiça, solidariedade e tolerância, compreendendo que esses valores precisam ser vivenciados nas relações cotidianas e não apenas ensinados de forma teórica. Assim, durante o jogo, procure observar como os estudantes lidam com erros, diferenças, conflitos, exclusões e frustrações, transformando essas situações em possibilidades educativas.

A proposta também se fundamenta na concepção crítico-emancipatória de Kunz (2004), que compreende o ensino como um processo comunicativo, no qual os estudantes refletem criticamente sobre suas experiências e participam ativamente da construção do conhecimento.

Para isso, a aula foi organizada com base nas etapas da “transcendência de limites” propostas por Kunz (2004).

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA EXPERIMENTAÇÃO”

Inicie a aula permitindo um momento de livre experimentação do Futsal, sem muitas intervenções iniciais. O objetivo dessa etapa é possibilitar que os estudantes vivenciem o jogo espontaneamente, revelando formas de participação, cooperação, conflitos, exclusões e maneiras de se comunicar durante as práticas.



Nesse momento, observe atentamente:



Quem participa mais;



Quem fica excluído;



Como os estudantes reagem aos erros;



Como resolvem conflitos;



Como se comunicam durante o jogo.

Evite interromper constantemente a atividade. Muitas situações importantes surgem durante as vivências.



“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA APRENDIZAGEM”

Após a experimentação, organize atividades em estações com fundamentos do Futsal, como passe, domínio, condução, drible e finalização, utilizando pequenos jogos (jogos reduzidos), como 3x1 ou 3x3.

Nessa etapa, o professor atua problematizando as relações estabelecidas durante o jogo. Além de corrigir aspectos técnicos, procure incentivar:



Cooperação;



Participação de todos;



Respeito às diferenças;



Comunicação respeitosa;



Resolução coletiva de problemas.



Segundo Kunz (2004), o ensino deve favorecer não apenas o “saber-fazer”, mas também o “saber-pensar” e o “saber-sentir”.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES CRIANDO/INVENTANDO”

Essa é a etapa mais importante da proposta. Após as práticas, realize uma roda de conversa para refletir sobre as experiências vividas durante o jogo, sobre valores individuais e coletivos e construir novos valores que façam sentido para a turma.

NOTE



Valores individuais são aqueles relacionados às escolhas, crenças e atitudes pessoais de cada sujeito, como honestidade, responsabilidade, coragem e respeito. Eles influenciam a forma como cada pessoa pensa, sente e age nas diferentes situações do cotidiano.

Já os valores coletivos são construídos nas relações sociais e compartilhados por um grupo, comunidade ou sociedade, envolvendo princípios necessários para a convivência, como cooperação, justiça, diálogo, empatia e respeito às diferenças.

Nas aulas de Educação Física, os estudantes podem refletir que alguns valores são importantes para si mesmos individualmente, enquanto outros precisam ser construídos coletivamente para favorecer uma convivência mais respeitosa e democrática durante os jogos e as atividades.

Você pode utilizar perguntas como:



Quais atitudes ajudaram o jogo a acontecer?



Como vocês se sentiram quando alguém errou?



Por que as pessoas xingam durante o jogo?



Como podemos tornar o jogo mais justo e respeitoso?



Nesse momento, os princípios da CNV (Rosenberg, 2006) podem auxiliar os estudantes a compreender sentimentos, necessidades e formas mais respeitosas de comunicação.

Procure incentivar os estudantes a:



Observarem situações sem julgar;



Expressarem sentimentos;



Reconhecerem necessidades;



Fazerem pedidos de forma respeitosa.

Após o diálogo, construa coletivamente regras para um novo jogo. Permita que os estudantes sugiram mudanças pensando em inclusão, respeito e participação de todos.

Exemplo:

Em vez de dizer:

Você é ruim, por
isso perdemos.

Incentive falas como:

Fiquei frustrado porque queria que nosso time conseguisse fazer o gol, mas podemos treinar mais jogadas de finalização.

Quando os alunos participam da construção das regras, compreendem que convivência e respeito também se aprendem.

DICAS PARA A RODA DE CONVERSA



Valorize todas as falas sem julgamentos;



Incentive a escuta e o respeito às opiniões diferentes;



Utilize perguntas problematizadoras relacionadas às situações vividas na aula.



SUGESTÃO DE AUTOAVALIAÇÃO

Ao final da aula, pergunte aos estudantes:



O que aprendemos hoje?



Quais atitudes precisamos melhorar?



Como podemos tornar o jogo mais respeitoso?

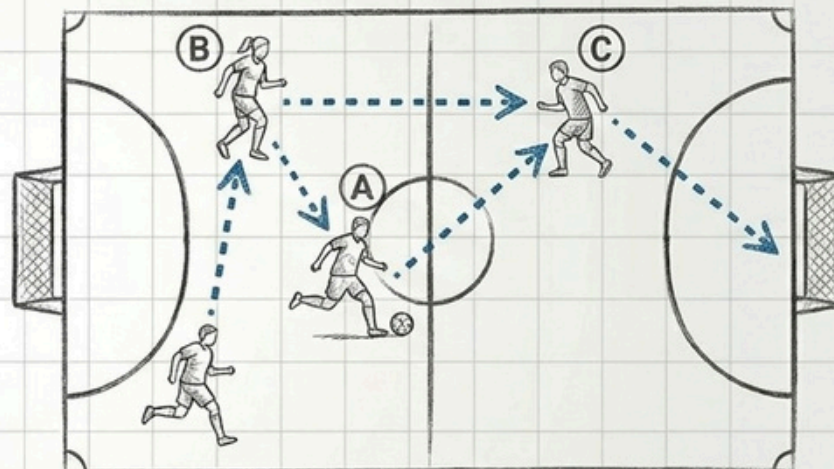
Jogada 1: Valores Humanos na Prática (Futsal)

Diagnóstico:



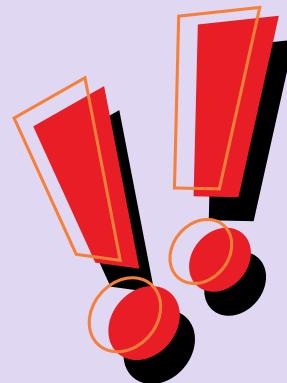
Futsal monopolizado pelos alunos mais “habilidosos”. Competitividade tóxica que exclui meninas e alunos com menor vivência motora.

Transcendência (A Nova Regra Coletiva):



“O gol só tem validade se todos os membros da equipe tocarem na bola durante a jogada.”. A técnica individual (drible) passa a servir ao coletivo.

Professor, lembre-se: nesta proposta, o mais importante não é o desempenho técnico no esporte, mas as relações humanas construídas durante as vivências. O esporte pode se tornar um importante espaço de diálogo, escuta, cooperação e construção da Cultura de Paz na escola.



AULA 2 – PEDAGOGIA DOS DIREITOS HUMANOS

PEDAGOGIA DOS DIREITOS HUMANOS: REFLETINDO SOBRE INCLUSÃO, PARTICIPAÇÃO E RESPEITO NO ESPORTE

Professor, esta proposta foi elaborada com base na Pedagogia dos Direitos Humanos, apresentada por Salles Filho (2016), buscando aproximar os estudantes da reflexão sobre igualdade, inclusão, participação e respeito às diferenças por meio das práticas esportivas. Nesta aula, o esporte é compreendido como espaço de convivência, diálogo e problematização das desigualdades presentes no cotidiano escolar.

A proposta também se fundamenta na perspectiva crítico-emancipatória de Kunz (2004), especialmente nas etapas de “transcendência de limites”, favorecendo experiências corporais que levem os estudantes a refletirem criticamente sobre as relações construídas durante os jogos.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA EXPERIMENTAÇÃO”

Inicie a aula com um momento de livre experimentação do Handebol, permitindo que os estudantes joguem espontaneamente. Observe atentamente como acontecem as escolhas dos times, quem participa mais das jogadas, quem recebe menos passes e quais estudantes costumam ser excluídos ou pouco envolvidos durante o jogo.



Nessa etapa, o objetivo é permitir que as situações apareçam naturalmente para que possam ser discutidas posteriormente com a turma.

Durante a observação, reflita:



Quem costuma ser escolhido primeiro?



Todos conseguem participar igualmente?



Meninos e meninas recebem as mesmas oportunidades?



Como os estudantes reagem quando alguém apresenta dificuldade?

Essas situações são importantes para iniciar reflexões sobre direitos, inclusão e participação.



“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA APRENDIZAGEM”

Na sequência, organize atividades em grupo utilizando fundamentos do Handebol de maneira lúdica e cooperativa.

Uma possibilidade é iniciar com o “Pega-Pega com Drible”, em que os estudantes precisam driblar a bola enquanto fogem do pegador. Depois, proponha o “Jogo dos Dez Passes”, incentivando a circulação da bola e a participação coletiva da equipe.

Em seguida, proponha o Handebol Sentado. Essa adaptação é um momento muito significativo da aula, posto que possibilita que os estudantes experimentem outras formas de jogar e reflitam sobre acessibilidade, inclusão e respeito às diferenças corporais.



Durante as atividades, procure problematizar situações como:



Foi mais difícil jogar sentado?



O que mudou no jogo?



Como vocês se sentiram?



Todas as pessoas conseguem participar dos esportes da mesma maneira?

Essas reflexões ajudam os estudantes a compreenderem que adaptar regras e práticas também é uma forma de garantir direitos.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES CRIANDO/INVENTANDO”

Após as vivências, realize uma roda de conversa para dialogar sobre os Direitos Humanos e os direitos das crianças.

Segundo Salles Filho (2016), a Pedagogia dos Direitos Humanos busca desenvolver a consciência crítica dos estudantes diante das desigualdades e das situações de exclusão presentes na sociedade. Assim, procure aproximar os temas discutidos da realidade vivida pelos estudantes.

Você pode utilizar perguntas como:



Todo mundo tem direito de brincar e jogar?



É justo rir quando alguém tem dificuldade?



A cor da pele, ser menino ou menina, ou ter mais habilidade muda as chances de participar?



Como podemos fazer para ninguém ficar excluído?

Nesse momento, os princípios da CNV, de Rosenberg (2006), podem auxiliar os estudantes a expressarem sentimentos e opiniões de maneira mais respeitosa, favorecendo a escuta, o diálogo e a mediação dos conflitos.

Após o diálogo, construa coletivamente novas regras para o jogo, garantindo que todos tenham voz nas decisões. Incentive os estudantes a pensarem em regras que favoreçam:



Inclusão;



Participação coletiva;



Respeito às diferenças;



Segurança;



Cooperação.

DICAS PARA A RODA DE CONVERSA



Valorize todas as contribuições sem julgamentos;



Utilize perguntas que relacionem o esporte às situações vividas no cotidiano escolar.



SUGESTÃO DE AUTOAVALIAÇÃO

Ao final da aula, pergunte aos estudantes:



O que aprendemos hoje sobre direitos e respeito?

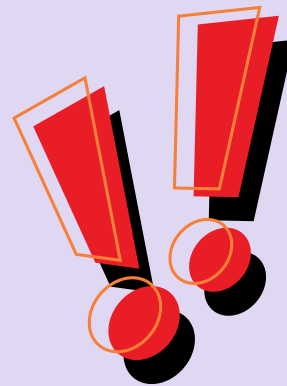


Como podemos incluir mais os colegas durante os jogos?

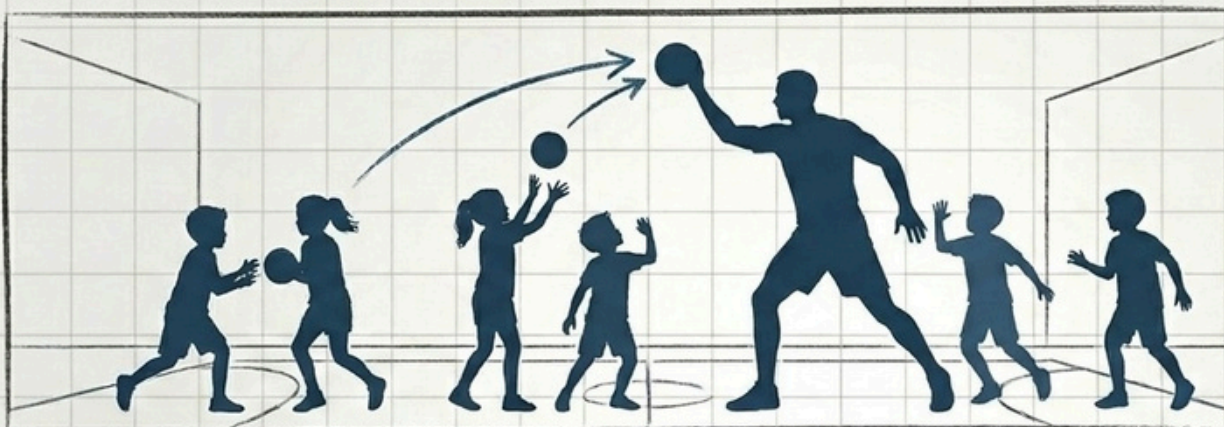


O que precisamos melhorar nas próximas aulas?

Professor, essa proposta busca mostrar aos estudantes que os Direitos Humanos não são conteúdos distantes da realidade escolar. Eles estão presentes nas relações construídas diariamente durante os jogos, nas brincadeiras, nas escolhas, na participação e na forma como tratamos uns aos outros.



Jogada 2: Direitos Humanos e o Handebol Sentado



O Problema: O esporte tradicional reproduz hierarquias sociais e biológicas, tratando o direito de jogar como um privilégio dos mais fortes.



A Solução (Handebol Sentado): Nivelamento instantâneo das habilidades. A mobilidade reduzida gera extrema empatia corporal.

A Tática Extra: O Jogo dos 10 Passes

Nenhuma equipe
pode pontuar sem
antes trocar dez
passes consecutivos
sem drible,
participação de
100% dos alunos.

AULA 3 – PEDAGOGIA DA CONFLITOLOGIA

PEDAGOGIA DA CONFLITOLOGIA: APRENDENDO A RESOLVER CONFLITOS DE FORMA NÃO-VIOLENTA

Professor, essa proposta tem como objetivo ajudar os estudantes a compreenderem que o conflito faz parte das relações humanas e não deve ser confundido com violência. Nas aulas de Educação Física, situações de disputa, frustração, divergências e reclamações acontecem frequentemente. Em vez de apenas interromper ou punir esses momentos, essa aula busca transformá-los em oportunidades de diálogo, reflexão e aprendizagem.

A proposta foi construída com base na Pedagogia da Conflitologia, apresentada por Salles Filho (2016), que compreende o conflito como possibilidade de crescimento nas relações humanas, desde que seja mediado de maneira respeitosa e não violenta. A aula também se fundamenta na perspectiva crítico-emancipatória de Kunz (2004) e na Comunicação Não-Violenta, de Rosenberg (2006).

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA EXPERIMENTAÇÃO”

Inicie a aula com uma vivência livre de Basquete 3x3. Permita que os estudantes joguem espontaneamente, observando como lidam com regras, erros, derrotas, tomadas de decisão e situações de disputa durante o jogo.



Neste momento, é comum surgirem:



Reclamações;



Discussões;



Frustrações;



Acusações;



Exclusões;



Xingamentos;



Impaciência com os colegas.

Evite interromper imediatamente os conflitos. Observe como os estudantes tentam resolver as situações e registre mentalmente momentos importantes para serem retomados na roda de conversa.

A intenção dessa etapa não é evitar o conflito, mas permitir que os estudantes percebam que ele faz parte das relações humanas.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA APRENDIZAGEM”

Na sequência, proponha o “Jogo dos Cinco Passes”. Divida a turma em equipes e explique que o objetivo é completar cinco passes consecutivos sem deixar a bola cair ou ser interceptada.

Antes de iniciar o jogo, trabalhe brevemente alguns fundamentos básicos do Basquetebol, como:



Empunhadura;



Passe de peito;



Passe quicado;



Recepção;



Posicionamento;



Deslocamento sem bola.

Durante a atividade, incentive os estudantes a utilizarem os fundamentos aprendidos para melhorar a comunicação e a organização coletiva da equipe. Explique que, para conseguir completar os passes, será necessário observar o colega, cooperar e tomar decisões em grupo.

Essa atividade favorece:



Aprendizagem dos fundamentos do Basquetebol;



Cooperação;



Comunicação;



Escuta;



Controle emocional;



Tomada de decisões coletivas.



Durante o jogo, procure problematizar atitudes observadas:



Como reagimos quando erramos?



O que fazemos quando o colega não joga como gostaríamos?



É possível discordar sem agredir?

Na sequência, retome o Basquete 3x3, incentivando os estudantes a colocarem em prática os fundamentos trabalhados e formas mais respeitosas de comunicação durante os conflitos que surgirem.

Segundo Kunz (2004), o ensino deve possibilitar que os estudantes reflitam criticamente sobre suas ações e relações, desenvolvendo autonomia e consciência nas experiências vividas.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES CRIANDO/INVENTANDO”

Após as vivências, organize uma roda de conversa para refletir sobre os conflitos ocorridos durante os jogos.

Explique aos estudantes que conflito e violência não são a mesma coisa. O conflito acontece quando existem opiniões, interesses ou desejos diferentes. Já a violência ocorre quando há agressão, humilhação, exclusão ou desrespeito.

Você pode utilizar perguntas como:



Quais conflitos aconteceram durante o jogo?



Houve violência?



Como nos sentimos durante as discussões?



É possível resolver conflitos sem gritar, xingar ou bater?



Como transformar um xingamento em um pedido respeitoso?



Na roda de conversa, apresente os quatro passos da CNV, de Rosenberg (2006):



Observar a situação sem julgar;



Expressar sentimentos;



Identificar necessidades;



Fazer pedidos respeitosos.

Em vez de dizer:

Você nunca toca a bola!

Incentive falas como:

Fiquei chateado porque queria participar mais do jogo. Você pode tentar passar a bola para mim também?

Após o diálogo, construa coletivamente novas regras para o jogo de Basquetebol, pensando em estratégias que ajudem a reduzir conflitos e melhorar a convivência durante as aulas.

Incentive os estudantes a criarem regras relacionadas:



Ao respeito durante os jogos;



À forma de falar com os colegas;



À participação de todos;



À resolução de conflitos por meio do diálogo.

DICAS PARA A RODA DE CONVERSA



Escute os envolvidos antes de tomar decisões;



Não expor os estudantes diante da turma;



Incentive que os próprios estudantes proponham soluções;



Utilize perguntas que ajudem os alunos a refletirem sobre sentimentos e consequências das atitudes.

SUGESTÃO DE AUTOAVALIAÇÃO

Ao final da aula, pergunte:



Como lidamos com os conflitos hoje?



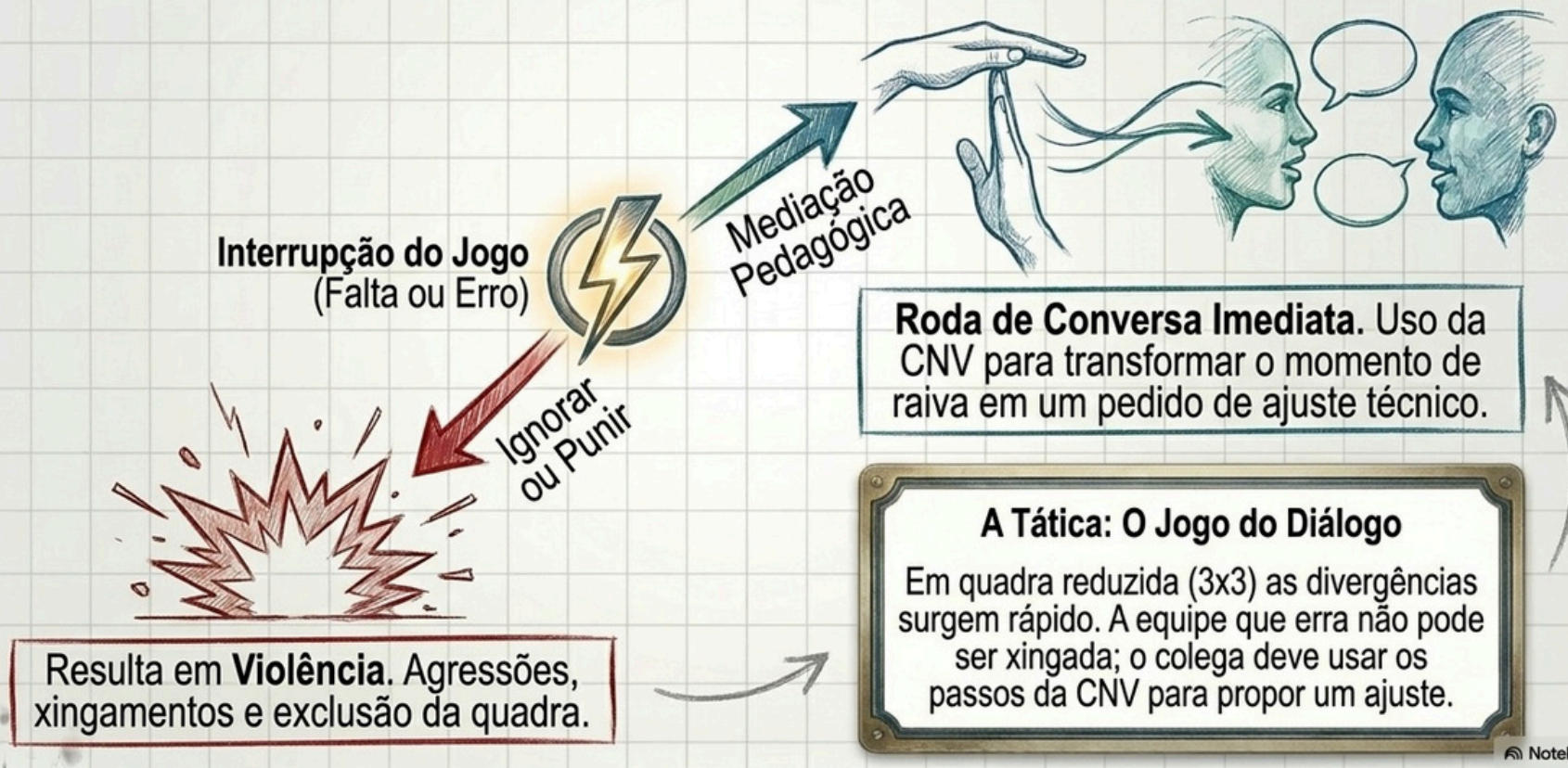
Conseguimos resolver situações sem violência?



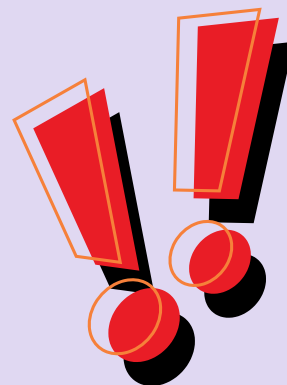
O que precisamos melhorar na forma de conversar com os colegas?

Jogada 3: Conflitologia no Basquete 3x3

O Paradigma: **Conflito** (divergência natural) não é **Violência** (negação do outro).
O conflito é **força criativa** se for mediado.



Professor, esta proposta busca mostrar aos estudantes que os conflitos não precisam ser eliminados das aulas. Quando mediados por meio do diálogo, da escuta e do respeito, eles podem se transformar em importantes oportunidades de aprendizagem, crescimento coletivo e construção da Cultura de Paz na escola.



AULA 4 – PEDAGOGIA DA ECOFORMAÇÃO

PEDAGOGIA DA ECOFORMAÇÃO: REFLETINDO SOBRE ESPORTE, SUSTENTABILIDADE E CUIDADO COM O PLANETA

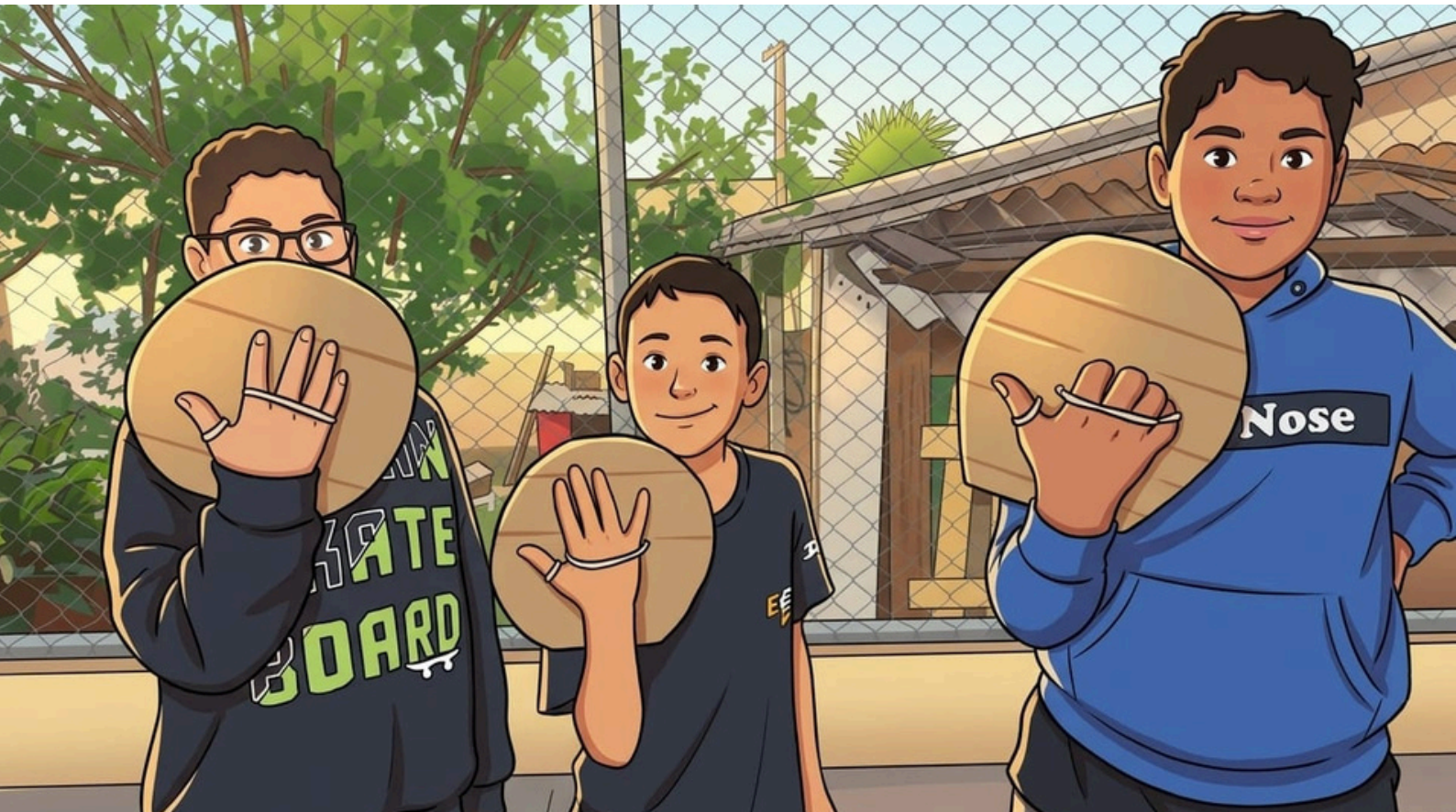
Professor, esta proposta foi construída com base na Pedagogia da Ecoformação, apresentada por Salles Filho (2016), buscando ampliar a compreensão dos estudantes sobre a relação entre esporte, sustentabilidade, responsabilidade coletiva e cuidado com a vida em suas diferentes dimensões.

A aula procura desenvolver, nos estudantes, a percepção de que pequenas ações cotidianas produzem impactos no meio ambiente e nas relações humanas. Mais do que discutir reciclagem, a proposta busca estimular atitudes de cuidado, cooperação, consciência ambiental e cidadania planetária.

A intervenção também se fundamenta na perspectiva crítico-emancipatória de Kunz (2004), valorizando experiências corporais, reflexão crítica e participação ativa dos estudantes durante as práticas.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA EXPERIMENTAÇÃO”

Inicie a aula com a confecção de uma “Palma-Raquete” utilizando papelão e materiais recicláveis. Permita que os estudantes participem da construção do próprio material, explorando formatos, tamanhos e possibilidades de uso.



Durante esse momento, converse com a turma sobre:



A reutilização de materiais;



O consumo excessivo;



O descarte de lixo;



O cuidado com os materiais da escola;



A importância de reduzir desperdícios.

Após a construção, realize uma livre experimentação do jogo utilizando as palma-raquetes e bolinhas leves.

Nesta etapa, incentive:



A criatividade;



A exploração do movimento;



A cooperação entre os estudantes;



O cuidado coletivo com os materiais confeccionados.

A proposta busca fazer com que os estudantes percebam que é possível brincar, jogar e aprender utilizando recursos alternativos, valorizando práticas mais sustentáveis.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA APRENDIZAGEM”

Na sequência, proponha atividades para desenvolver o controle da bolinha utilizando a palma-raquete.



Inicie com desafios individuais:



Controle da bolinha com a mão dominante;



Controle da bolinha com a mão não dominante;



Deslocamentos mantendo a bolinha no ar.

Depois, organize atividades em duplas e trios, incentivando os estudantes a manterem a bolinha em movimento pelo maior tempo possível sem deixá-la cair.

Durante as atividades, procure enfatizar:



Cooperação;



Comunicação;



Paciência;



Ajuda mútua;



Responsabilidade com os materiais.

Segundo Kunz (2004), o ensino deve favorecer experiências em que os estudantes experimentem, reflitam e criem novas possibilidades de ação. Assim, além do que executar movimentos técnicos, os estudantes são convidados a pensar sobre as relações construídas durante as práticas e sobre os impactos das ações humanas no mundo.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES CRIANDO/INVENTANDO”

Após as vivências, realize uma roda de conversa para problematizar questões relacionadas ao meio ambiente, ao consumo e ao esporte.

Segundo Salles Filho (2016), a Pedagogia da Ecoformação busca desenvolver uma compreensão mais ampla da relação entre ser humano, natureza e sociedade, estimulando uma consciência de pertencimento e responsabilidade coletiva.

Você pode utilizar perguntas como:



De onde vêm bolas, cones e materiais esportivos?



Quanto lixo produzimos na escola?



➤ O que acontece quando descartamos materiais de forma inadequada?

➤ Como os grandes eventos esportivos impactam o meio ambiente?

➤ O que podemos fazer para cuidar mais da escola e do planeta?

Durante a roda de conversa, incentive os estudantes a perceberem que “tudo reage sobre tudo”, compreendendo que pequenas ações também produzem consequências coletivas.

Na sequência, proponha que os grupos criem novas formas de brincar ou jogar utilizando materiais recicláveis. Permita que inventem regras, desafios e possibilidades de uso dos materiais construídos.

A CNV, de Rosenberg (2006), pode auxiliar na mediação das interações durante a construção coletiva das atividades, incentivando:

➤ Escuta;

➤ Respeito às ideias dos colegas;

➤ Cooperação;



Resolução dialogada de divergências.

DICAS PARA A AULA



Solicite previamente que os estudantes tragam materiais recicláveis limpos;



Incentive o reaproveitamento de materiais da própria escola;



Valorize mais a criatividade e a participação do que a execução perfeita dos movimentos;



Estimule o cuidado coletivo com os materiais confeccionados;



Utilize perguntas que relacionem sustentabilidade ao cotidiano dos estudantes;



Se possível, registre falas significativas dos estudantes durante as reflexões para retomar – posteriormente – nas discussões sobre cuidado coletivo e responsabilidade ambiental.



SUGESTÃO DE AUTOAVALIAÇÃO

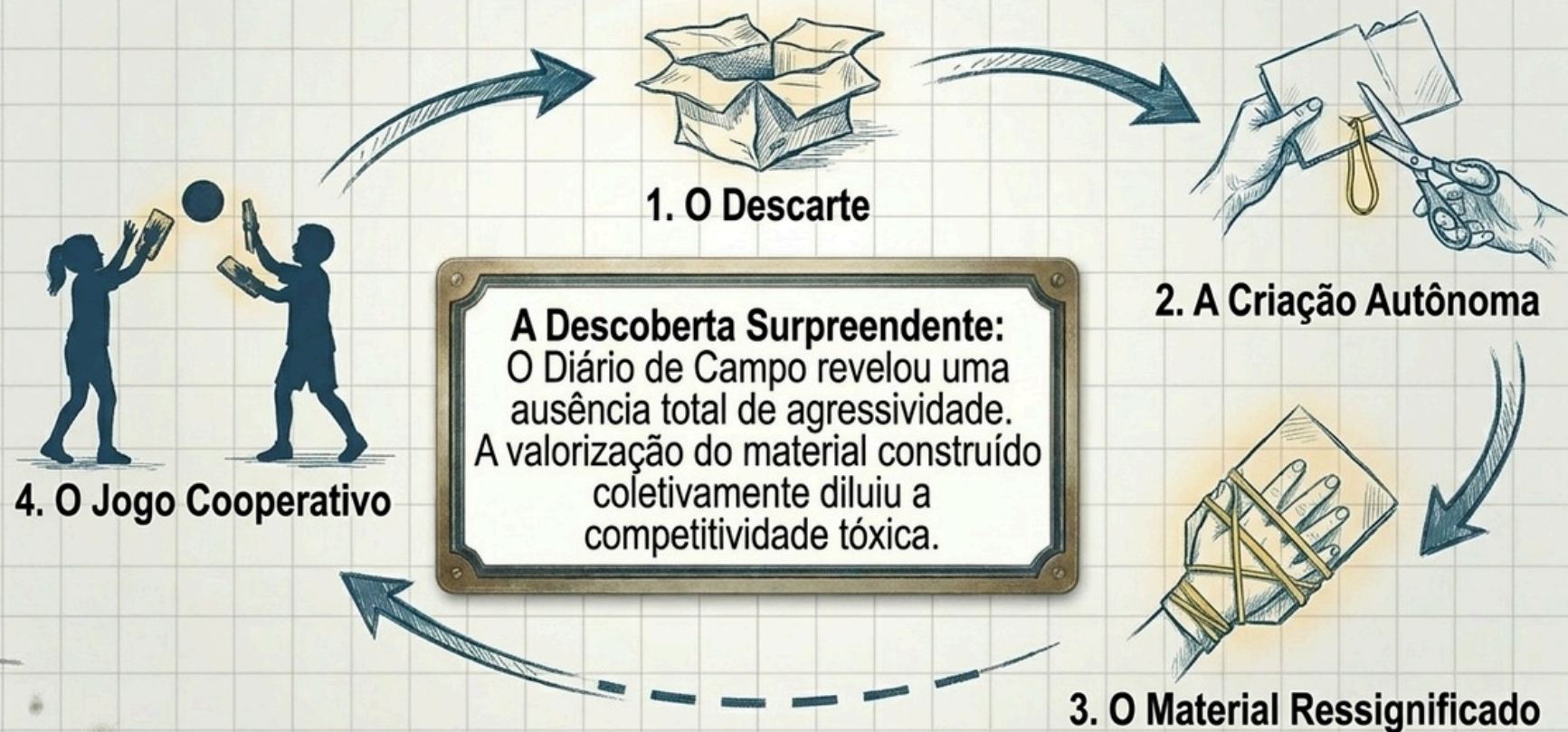
Ao final da aula, pergunte:



O que aprendemos hoje sobre cuidado com o planeta?

Jogada 4: Ecoformação e a Palma-Raquete

Cidadania Planetária: Substituir a visão de “consumidor passivo” de materiais esportivos pela postura de “criador autônomo”.



NotebookLM

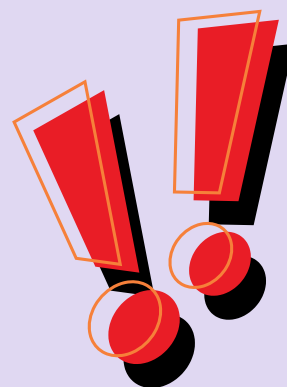


Como pequenas atitudes podem ajudar o meio ambiente?



O que podemos mudar em nossas ações dentro e fora da escola?

Professor, esta proposta busca mostrar aos estudantes que a Educação Física também pode contribuir para a construção de uma consciência ecológica, crítica e solidária. Ao brincar, criar e refletir coletivamente, os estudantes compreendem que cuidar do planeta também é uma forma de construir a Cultura de Paz.



AULA 5 – PEDAGOGIA DAS VIVÊNCIAS/CONVIVÊNCIAS

PEDAGOGIA DAS VIVÊNCIAS/CONVIVÊNCIAS: APRENDENDO A CONVIVER POR MEIO DO JOGO

Professor, esta proposta foi construída com base na Pedagogia das Vivências/Convivências, apresentada por Salles Filho (2016), buscando colocar a convivência, o diálogo e a participação coletiva no centro das aulas de Educação Física. Mais do que ensinar regras esportivas, a intenção é possibilitar que os estudantes aprendam a conviver, escutar, negociar, cooperar e construir relações mais respeitadas durante as práticas corporais.

A proposta também se fundamenta na perspectiva crítico-emancipatória de Kunz (2004), valorizando experiências em que os estudantes participem ativamente das decisões, reflitam sobre suas ações e construam coletivamente novas formas de organização do jogo.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA EXPERIMENTAÇÃO”

Inicie a aula com uma roda de conversa perguntando aos estudantes:



Qual jogo ou esporte vocês gostariam de jogar juntos?



O que faz um jogo ser divertido para todos?



Como podemos garantir que todos participem?

Permita que a turma participe da escolha da atividade. Na intervenção realizada na pesquisa de mestrado, os estudantes escolheram a Queimada e o Futsal.

Após a escolha, realize uma livre experimentação da atividade selecionada, observando:



Como os estudantes se organizam;



Quem participa mais;



Quem fica excluído;



Como resolvem divergências;



Como acontecem as tomadas de decisão durante o jogo.

Jogada 5: Autonomia Plena com o Futsal Callejero

1º Tempo: Construção



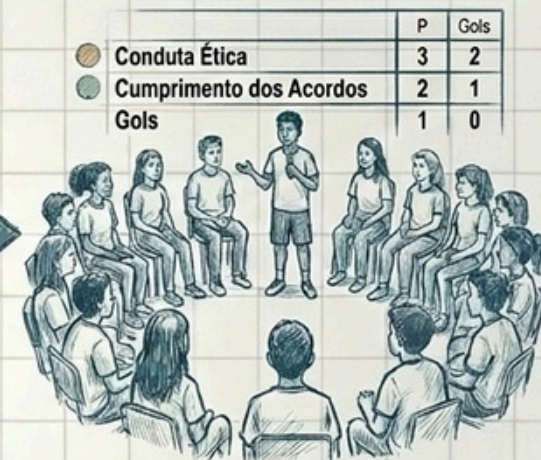
Antes do jogo, as equipes debatem e definem juntas as regras de inclusão para a partida. O professor apenas observa a capacidade de negociação.

2º Tempo: Autogestão



A bola rola sem juiz externo. Os próprios estudantes devem parar a partida se houver falta, resolvendo o impasse imediatamente através da CNV.

3º Tempo: Avaliação



Roda de encerramento. O vencedor não é quem fez mais gols, mas a equipe que somou mais pontos por conduta ética e cumprimento dos acordos.

Nesta etapa, o foco não está na execução técnica, mas na observação das relações construídas pelo grupo durante as vivências.



“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA APRENDIZAGEM”

Na sequência, apresente o Futsal Callejero. Explique aos estudantes que essa prática possui três tempos:



Construção coletiva das regras;



Realização do jogo;



Avaliação dos valores vivenciados durante a partida.

Antes do jogo, organize uma conversa para que os estudantes criem juntos os combinados e as regras da partida. Incentive que todos tenham voz nas decisões.

Durante esse momento, problematize:



Todos conseguem participar das decisões?



Como podemos construir regras mais justas?



O que precisamos fazer para que o jogo seja mais respeitoso?

Durante o jogo, incentive:



Cooperação;



Escuta;



Respeito às diferenças;



Participação coletiva;



Resolução dialogada dos conflitos.

Segundo Kunz (2004), o ensino deve favorecer experiências em que os estudantes participem, criem, dialoguem e reflitam sobre suas próprias relações durante as práticas corporais.

“TRANSCENDÊNCIA DE LIMITES PELA APRENDIZAGEM”

Após o jogo, realize uma roda de conversa reflexiva sobre as experiências vividas durante o Futsal Callejero.

Segundo Salles Filho (2016), a Pedagogia das Vivências/Convivências valoriza as experiências coletivas, a ludicidade, os diálogos e as relações construídas nos grupos, compreendendo que aprender também envolve reaprender a conviver com mais respeito, leveza e cooperação.

Você pode utilizar perguntas como:



Todos participaram das decisões?



Quem falou mais? Quem falou menos?



Houve situações de exclusão?



Como resolvemos os conflitos?



O que podemos melhorar na convivência durante os jogos?



Quais atitudes ajudaram o grupo?

Neste momento, a CNV, de Rosenberg (2006), pode auxiliar os estudantes a expressarem sentimentos, ouvirem os colegas e dialogarem de maneira mais respeitosa diante das divergências.

Depois da conversa, permita que os estudantes reorganizem as regras e realizem novamente o jogo com os combinados redefinidos coletivamente. Essa retomada é importante para que percebam que as relações podem ser transformadas pelo diálogo e pela participação do grupo.



DICAS PARA A AULA



Valorize as decisões construídas coletivamente;



Incentive que os estudantes escutem uns aos outros antes de decidir;



Evite centralizar todas as decisões no professor;



Observe estudantes que falam pouco ou participam menos;



Incentive a cooperação em vez da competição excessiva;



Utilize perguntas que ajudem os estudantes a refletirem sobre convivência e participação;



Se possível, registre falas importantes da turma para retomar posteriormente nas reflexões sobre convivência e relações coletivas.

SUGESTÃO DE AUTOAVALIAÇÃO

Ao final da aula, pergunte:



Como convivemos durante o jogo?



Conseguimos ouvir uns aos outros?

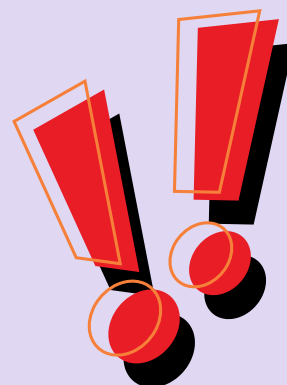


O que precisamos melhorar como grupo?



Como podemos tornar as aulas mais acolhedoras para todos?

Professor, esta proposta busca mostrar aos estudantes que conviver também é uma aprendizagem. Quando os jogos se tornam espaços de diálogo, participação e construção coletiva, a Educação Física passa a contribuir não apenas para o desenvolvimento corporal, mas também para relações mais humanas, democráticas e respeitosas na escola.



O Placar Final: Matriz de Transformação

	De: O Esporte Excludente	Para: O Esporte Crítico-Emancipatório
Foco da Aula	Rendimento e execução técnica perfeita.	Significados, criatividade e inclusão universal.
Lidar com Conflitos	Ignorar, punir ou considerar violência natural do jogo.	Parar o jogo, dialogar e usar o conflito como material pedagógico.
Organização do Jogo	Regras fixas e engessadas impostas pelo professor ou árbitro.	Regras flexíveis, construídas democraticamente pelos alunos (Autogestão).
Relações Humanas	Privilégio dos mais ágeis, gerando a segregação.	Equidade, empatia corporal e o direito inalienável de brincar.

NotebookLM

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência presente na escola possui causas profundas e está relacionada às estruturas sociais, culturais e históricas da sociedade. Muitas situações de *bullying*, exclusão, preconceito e agressividade vividas no cotidiano escolar refletem violências que também estão presentes fora da escola e acabam sendo reproduzidas nas relações entre os estudantes.

Nesse contexto, o esporte não é neutro. Dependendo da forma como é trabalhado, pode tanto reproduzir violências quanto contribuir para a construção de relações mais respeitadas, cooperativas e democráticas.

Assim como a violência é aprendida e reproduzida socialmente, a paz também pode ser ensinada, aprendida e vivenciada. Foi com base nessa compreensão que a pesquisa de mestrado buscou desenvolver possibilidades pedagógicas voltadas à construção da Cultura de Paz por meio das aulas de Educação Física.

Fundamentada na perspectiva crítico-emancipatória de Kunz (2004), nas Cinco Pedagogias da Paz de Salles Filho (2016) e na CNV de Rosenberg (2006), a proposta procurou contribuir para a transformação de estruturas de violência em estruturas de paz, promovendo diálogo, cooperação, escuta, participação coletiva e mediação não violenta dos conflitos.

Mais do que ensinar esportes, acredita-se que a Educação Física pode contribuir para a formação de estudantes mais críticos, conscientes, solidários e capazes de construir relações mais humanas dentro e fora da escola.



REFERÊNCIAS

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.^a ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

GALTUNG, Johan. ***Tras la violencia, 3R: reconstrucción, reconciliación, resolución: afrontando los efectos visibles e invisibles de la guerra y la violencia***. Bilbao: Bakeaz; Gernika Gogoratuz, 1998.

GALTUNG, Johan. ***Paz por medios pacíficos: paz y conflicto, desarrollo y civilización***. Bilbao: Ed. Red Gernika, 2003.

GALTUNG, Johan. **Transcender e transformar: uma introdução ao trabalho de conflitos**. Tradução de Antonio Carlos da Silva Rosa. São Paulo, SP: Palas Athena, 2006.

GALTUNG, Johan. **Violência cultural**. Gernika-Lumo, Espanha: Gernika Gogoratuz, 2003.

GALTUNG, Johan. ***“Peace, Negative and Positive.”*** *En The Oxford International Encyclopedia of Peace*, editado por Nigel Young, p. 352 – 356. Oxford: Oxford University Press, 2010.

JARES, Xesús. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Tradução de Fátima Murad. 2.^a ed. Porto Alegre, RS: Ed. Artmed, 2002.

JARES, Xesús. **Educar para a paz em tempos difíceis**. Tradução de Elizabete de Moraes Santana. São Paulo, SP: Palas Athena, 2007.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6.^a ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2004.

MOLLENHAUER, Klaus. **Erziehung und Emanzipation**. Munique, Alemanha: Juventa, 1973.

MOLLENHAUER, Klaus. *Theorien zum Erziehungsprozess: Grundfragen der Erziehungswissenschaft*. Munique, Alemanha: Juventa, 1982.

MORIN, Edgar. **O método 2**: a vida da vida. Tradução de Marina Lobo. Porto Alegre, RS: Ed. Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade. Tradução e notas de Flávia Nascimento. In: MORIN, Edgar. **Religação de saberes**: o desafio do século XXI. 2.^a ed. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília, DF: Ed. Cortez, 2013.

MOULY, Cécile. *Estudios de paz y conflictos: teoría y práctica*. New York: Peter Lang Publishing, 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, SP, v. 40, n.º 3, p. 215-223, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/m5NJPS7PQnCCxZZtCsdjsqL/?format=pdf&lang=pt>.

NUNES, Antonio Ozorio. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores. São Paulo, SP: Contexto, 2011.



OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. Roda de conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na pesquisa em educação. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, MG, v. 13, n.º 2, p. 1-14, maio/ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. Resolução aprovada pela Assembleia Geral em 6 out. Nova York: ONU, 1999, n.º 53/243. Original: *Declaración y Programa de Acción sobre una Cultura de Paz* (tradução da autora). Disponível em: <http://www.onu.org>. Acesso em: 23 set. 2025.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de paz e educação para a paz**: olhares a partir da complexidade. 1.ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2019.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de Paz e Educação para a Paz**: olhares a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin. 2016. 357f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.